



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PEDRO DANIEL PINTO MIRANDA ZÃO

Paulo VI e os meios de comunicação social
As doze mensagens: conteúdo e desafios

Dissertação Final
sob orientação de:
Professor Doutor José Paulo Leite de Abreu

Braga
2024

«A comunhão e o progresso da convivência humana são os fins primordiais da comunicação social e dos meios que emprega, como sejam: a imprensa, o cinema, a rádio e a televisão. Com o desenvolvimento técnico destes meios, aumenta a facilidade com que maior número de pessoas e cada um em particular lhes pode ter acesso; aumenta também o grau de penetração e influência na mentalidade e comportamento das mesmas pessoas». (*Communio et progressio* 1)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmã, por me comunicarem, desde sempre, a linguagem do amor.

À minha família, e, em particular, à minha avó, pois foi com ela que dei os primeiros passos seguros e firmes na fé.

Ao Professor Doutor José Paulo Abreu, pela sabedoria na orientação desta dissertação. Por ser farol e não apenas espelho.

Aos meus condiscípulos, companheiros de viagem, e a todos os meus amigos. Em particular, ao Pedro Martins, mais tantos outros que me deram força ao longo deste processo.

Ao meu pároco, Pe. Delfim Fernandes, a quem dedico este trabalho.

À Arquidiocese de Braga, nas pessoas do Sr. D. José Cordeiro e do Sr. D. Delfim Gomes.

Ao Professor João Paulo Braga.

À Professora Isabel Gomes.

Ao Seminário Conciliar de Braga.

À Faculdade de Teologia de Braga.

Ao papa Paulo VI, por tudo o que nutri dele e por tanto que me fez crescer neste caminho rumo ao sacerdócio.

A Deus, pelo dom da vida.

Índice

Agradecimentos	4
Resumo	7
Abstract	7
Siglas e abreviaturas.....	8
Introdução	9
Capítulo 1: Um Deus que se comunica	12
1.1. Autocomunicação divina	12
1.2. <i>Comunicação</i> dentro da Trindade.....	14
1.2.1. <i>Trindade</i> narrada.....	15
1.2.2. <i>Trindade</i> discutida	16
1.2.3. <i>Trindade</i> professada.....	17
1.2.4. <i>Trindade</i> raciocinada	18
1.3. Caráter transcendental da comunicação.....	20
1.3.1. Caráter sobrenatural da revelação e o I Concílio do Vaticano	21
1.3.2. Deus em diálogo – o II Concílio do Vaticano	22
1.3.3. Mudança de concepção teológica da revelação	25
1.4. Diálogo da Igreja com o mundo, sob o pontificado de Paulo VI.....	26
Capítulo 2: O papa Paulo VI – Biografia	30
2.1. Do nascimento ao sacerdócio	30
2.2. Sacerdócio.....	35
2.3. Episcopado.....	39
2.4. Habemus Papam	42
Capítulo 3: As doze mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, de 1967 a 1978	49
3.1. Os meios de comunicação social – 1967	53
3.2. A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos – 1968	54
3.3. Comunicações sociais e família – 1969.....	57
3.4. As comunicações sociais e a juventude – 1970	60
3.5. Os meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens – 1971	62
3.6. As comunicações sociais a serviço da vida – 1972	64

3.7. As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais – 1973	66
3.8. As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo – 1974	68
3.9. Comunicação social e reconciliação – 1975	69
3.10. As comunicações sociais diante dos direitos e deveres fundamentais do homem – 1976	71
3.11. A publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades – 1977	74
3.12. O recetor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres – 1978	75
Conclusão	77
Bibliografia.....	80

RESUMO

Paulo VI exerceu o seu pontificado durante 15 anos, tornando-se num dos 219 papas com permanência igual ou superior a 1 ano.

Uma das ideias centrais do II Concílio do Vaticano foi a comunhão. Ora, a comunicação é um dos eloquentes caminhos para a comunhão tão desejada. Os meios de comunicação social, conforme preconizados pelo papa Paulo VI, não são apenas veículos de difusão de ideias, mas instrumentos favoráveis para promover a comunhão entre os fiéis e a sociedade, na medida em que criam uma rede de entendimento mútuo, de solidariedade e de corresponsabilidade eclesial.

Neste sentido, este trabalho pretende analisar o valor mediático das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais do papa Paulo VI. Desta forma, esperamos que este estudo se possa tornar uma profícua ocasião para uma releitura, capaz de inspirar a relação da Igreja com as grandes transformações do mundo, ajudada pelos avanços dos media.

Palavras-chave: Comunicação; Diálogo; Montini, Paulo VI.

ABSTRACT

Paul VI held the papacy for 15 years, making him one of the 219 popes with one year or more tenure.

One of the central ideas of the Second Vatican Council was communion, and communication is one of the eloquent pathways to achieving this desired communion. As envisioned by Pope Paul VI, social communication means are not merely vehicles for disseminating ideas. However, they are also favourable instruments for promoting communion among the faithful and society by fostering a network of mutual understanding, solidarity, and ecclesial co-responsibility.

This study aims to analyse the media-related nature of Paul VI's messages for World Communications Day. In doing so, it may serve as a valuable opportunity for a re-reading that could inspire the Church's relationship with the significant transformations of the world, particularly the advancements in media.

Keywords: Communication; Dialogue; Montini, Paul VI.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AAS – *Acta Apostolicae Sedis*

cap. – capítulo

Cf. – Confrontar ou conferir

DF – Concílio Ecuménico Vaticano I, Constituição Dogmática *Dei Filius* (24 de abril de 1870)

DS – Heinrich Denzinger, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica* (2005)

DV – Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965)

ES – Paulo VI, Carta Encíclica *Ecclesiam suam* (6 de agosto de 1964)

GS – Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965)

IM – Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto *Inter Mirifica* (4 de dezembro de 1963)

n. – número

par. – parágrafo

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, o ser humano tem a necessidade primária de comunicar.

Neste sentido, procurou formas de transmitir informações e de expressar os seus sentimentos, ideias e vontades. Porém, com o progresso e com a introdução de novas técnicas, a comunicação tornou-se mais complexa, aperfeiçoando-se e criando novas oportunidades de expressão.

Ao refletirmos sobre a comunicação social, conseguimos perceber, com maior clareza, o seu desenvolvimento ao longo do tempo. Nesta linha, recordamos aquilo que o II Concílio do Vaticano determinara como algo maravilhoso:

«Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens, mas também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão, meios de comunicação social»¹.

Partimos do decreto conciliar sobre os meios de comunicação social, de 1963, para ressaltar, em primeiro lugar, um momento de grande transformação e, em segundo lugar, a admiração da Igreja pela capacidade que os meios de comunicação têm de moldar a sociedade, bem como a sua importância no contexto moderno. Desta forma, a presente dissertação procurará analisar a relação entre a Igreja e os meios de comunicação social no pontificado do papa Paulo VI, a partir das suas doze mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

O primeiro capítulo, estritamente teológico, apresenta como ideia central a teologia da comunicação divina. Apontamos, desde logo, a revelação como ato de comunicação. Na verdade, o modelo mais perfeito do ato de comunicação deve ser procurado entre os acontecimentos, cujo protagonista é o próprio Deus. Sob esta ótica, a revelação é o evento mais marcante e relevante na história da humanidade. Portanto, quando refletimos teologicamente sobre o fenómeno da comunicação, a revelação emerge como um tema indispensável de análise, pelo que tudo o que se diz sobre revelação na

¹ Paulo VI, «Decreto “Inter Mirifica” sobre os meios de comunicação social», 1, acedido a 2 de março de 2024, https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_04121963_inter-mirifica_po.html.

Igreja se aplica também à comunicação. A Trindade está sempre em comunicação entre si e com a Igreja, e, por isso, é a mestra e mãe da comunicação.

No segundo capítulo, o nosso objeto de estudo foi a biografia de João Baptista Montini, desde o seu nascimento ao pontificado, passando pelo sacerdócio e pelo episcopado. Três meses antes de completar sessenta e seis anos, Montini foi eleito Papa, adotando o nome de Paulo, o que viria a refletir bem as suas aspirações e preocupações. Com inteligência, Paulo VI enfrentou as tensões e os desafios eclesiais com uma serenidade que lhe permitiu conduzir com sucesso um concílio determinante na história da Igreja. Poderíamos apontar vários fatores, mas a sua disposição para o diálogo e para a compreensão impõem-se.

De facto, um dos objetivos mais relevantes do pontificado de Paulo VI foi o de procurar o diálogo com o mundo moderno. Foi necessário o II Concílio do Vaticano para abrir a porta do diálogo que, antes, estava fechada. O profundo pessimismo com que Gregório XVI (Papa de 1831 a 1846) via e analisava o mundo corrompido ao redor da Igreja e o horror que a liberdade de imprensa lhe causava, como expresso na encíclica *Mirari vos* (1832), deixava poucas opções para o diálogo. Esta situação não melhorou com os documentos que Pio IX publicou entre 1846 e 1864: as encíclicas *Qui pluribus* e *Quanta cura*, e o *Syllabus Errorum*, documentos que imprimiram uma postura eclesial que perdurou por muitas décadas. Em contraste com a Igreja santa e infalível (Vaticano I), o mundo era visto como suspeito e repleto de erros, incluindo os meios de comunicação. Assim, diante de tal cenário, a possibilidade de diálogo parecia bastante limitada.

Todavia, João XXIII, Paulo VI e o II Concílio do Vaticano falaram sobre o diálogo e, mais importante ainda, praticaram-no:

«Em virtude da sua missão de iluminar o mundo inteiro com a mensagem de Cristo e de reunir sob um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja constitui um sinal daquela fraternidade que torna possível e fortalece o diálogo sincero» (GS 92).

O decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social, começa com um tom de esperança que muitos, durante décadas, apenas ouviram na forma de badaladas fúnebres. Com efeito, este reconhecimento dos meios de comunicação como ferramentas valiosas para estabelecer um diálogo generoso e verdadeiro é um avanço significativo. Deste modo, o terceiro capítulo reconhece, a partir do estudo das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais de Paulo VI, a necessidade de a Igreja se abrir ao

diálogo com todos. Efetivamente, é esse tom de esperança profética que permeia as mensagens.

CAPÍTULO 1: UM DEUS QUE SE COMUNICA

A comunicação divina é crucial para estabelecer uma relação entre Deus e a humanidade, pois permite que os seres humanos tenham acesso à mensagem de Deus em todos os momentos, seja quando a procuram conscientemente, ou quando sentem essa necessidade intrínseca.

A relevância da comunicação divina é abordada em várias obras teológicas. Assim as fontes principais que servem de base e fundamento a este primeiro capítulo são *Teología Fundamental*², de César Izquierdo; *Trinidad como historia*³, de Bruno Forte, e *Teología de la revelación*⁴, de René Latourelle. Com efeito, a revelação, entendida como autocomunicação e automanifestação de Deus ao ser humano, acompanhada da sua resposta, pelo seu assentimento e adesão, constitui o objeto primário da Teologia Fundamental.

Iniciamos a nossa reflexão estabelecendo a relação intrínseca entre a natureza divina e a comunicação. Ao longo do capítulo, exploraremos as implicações de um Deus que se comunica, tais como o papel da linguagem humana e a relação entre Deus e a humanidade. Investigaremos também as diferentes formas como a comunicação divina é representada. Posteriormente, estabeleceremos uma relação entre Deus, enquanto comunicação, com aquilo que será abordado nos próximos capítulos, que se centrarão especificamente no papa Paulo VI e no seu papel de comunicador, através das mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, que ele mesmo inaugurou.

1.1. Autocomunicação divina

Segundo César Izquierdo, a comunicação divina refere-se ao ato de Deus se revelar à humanidade, que pode ocorrer através de palavras, de acontecimentos, da revelação profética, das escrituras, das experiências pessoais e, especialmente, por intermédio da pessoa de Jesus Cristo⁵. Portanto, a revelação, enquanto autocomunicação de Deus, tem o seu âmbito de compreensão na economia salvífica, isto é, Deus autocomunica-se através da palavra e pela graça que justifica e salva. Desta forma, a

² César Izquierdo, *Teología Fundamental* (Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2002).

³ Bruno Forte, *Trinidad como historia: ensayo sobre el Dios cristiano* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988).

⁴ René Latourelle, *Teología de la revelación* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982).

⁵ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 151-159.

comunicação de Deus, que ocorre através da palavra, é um elemento essencial da revelação⁶.

Com efeito, a revelação, enquanto manifestação de Deus ao ser humano, é imprescindível para que o humano chegue ao conhecimento de Deus, já que a razão e a revelação são dois modos pelos quais Deus se dá a conhecer ao humano (cf. DV 6). Embora a autocomunicação de Deus na sua graça não se reduza apenas ao seu dar-se na palavra, é necessário afirmar, no entanto, que a palavra é um elemento essencial da revelação: sem palavra, não há propriamente revelação. A palavra com a qual Deus se revela é já um facto que está unido a outros factos, e através dela Deus comunica-se, ou seja, dá a conhecer aos humanos a sua verdade, a verdade da sua intimidade e do seu ser: o amor e a benevolência para com os humanos⁷. Deus comunica-se através do “logos”, a palavra eterna, que se manifesta de forma plena em Jesus Cristo, de tal modo que a encarnação do Verbo de Deus é apresentada como o ápice da revelação. Logo, a comunicação divina torna-se acessível ao ser humano através de uma forma compreensível, que é a humanidade de Cristo⁸.

Para Izquierdo,

«a autocomunicação de Deus não implica apenas abertura e manifestação de alguns atributos de Deus, como a vontade ou a sabedoria, mas também do desígnio salvador de Deus. A revelação de Deus é apresentada desde o início numa conceção integral, em relação essencial, portanto, com a salvação. O homem é chamado à intimidade própria de Deus, onde será transformado, não apenas na sua inteligência, mas no seu ser total, tornando-se filho de Deus. Assim, resulta que à conceção integral da revelação corresponde também uma conceção integral da fé»⁹.

Como já dissemos, a autocomunicação divina é um ato de Deus que comunica com a pessoa humana, iluminando o seu espírito e dando-lhe a oportunidade de compreender mais profundamente quer a verdade, quer a mensagem de Deus¹⁰. Assim, a comunicação envolve uma troca entre seres dotados de inteligência. Implica ouvir, responder e abrir-se ao outro¹¹. Para o teólogo, a discussão em torno da revelação sugere que a comunicação de Deus se dá por meio da palavra, que pode ser entendida tanto em

⁶ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 151.

⁷ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 151.

⁸ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 152-155.

⁹ Izquierdo, *Teología Fundamental*, 76.

¹⁰ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 96, 157.

¹¹ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 89, 155, 157.

termos de revelação direta (testemunho e encontro) como em termos de razão (entendimento e reflexão humana sobre essa palavra)¹².

Por outro lado, René Latourelle remete para citações bíblicas (Ef 1,9-10; Rom 16,25-27), começando por dizer que a revelação é o mistério primordial, porque comunica uma manifestação do desígnio de salvação de Deus, concebido e presente na eternidade¹³. Por outras palavras, a revelação é, precisamente, a revelação do mistério pessoal de Deus. Deus é a interioridade por excelência, o ser pessoal e soberano cujo mistério só pode ser conhecido por testemunho. Nesta linha, Latourelle afirma que «o cristianismo é a religião do testemunho, porque é a manifestação de pessoas, e apenas o testemunho assegura a comunicação interpessoal»¹⁴. «Cristo fala, ensina, dá leis, como outros fundadores de religiões. Mas o que Ele diz, o que Ele ensina e comunica, é, em última análise, o mistério da sua pessoa. Ele funda uma religião que é uma iniciação ao mistério pessoal que Ele é»¹⁵.

Todavia, é necessário fazer uma distinção entre a ação de Deus e a dos Apóstolos. Deus revela-se, manifesta-se e dá-se a conhecer, ao passo que os Apóstolos falam, pregam, ensinam, anunciam a boa-nova e dão testemunho de Deus. Os apóstolos dão, então, testemunho da sua intimidade com Cristo, que está em comunicação reservada com o Pai e o Espírito, numa comunicação que é inigualável¹⁶. Os apóstolos são as testemunhas do que Cristo disse e fez, mas, sobretudo, da sua pessoa.

1.2. Comunicação dentro da Trindade

Sob uma outra perspetiva, Bruno Forte incorpora o conceito de comunicação expondo a relação de Deus entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo¹⁷. O autor fortalece o seu ponto de vista apoiado no contributo de S. Tomás de Aquino¹⁸, na medida em que a originalidade do ser humano consiste em comunicar e fecundar relações entre outros seres humanos. Portanto, pessoa divina, eternidade e unidade estão em fecunda relação:

¹² Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 152-159.

¹³ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 9.

¹⁴ Latourelle, *Teología de la revelación*, 413.

¹⁵ Latourelle, *Teología de la revelación*, 413.

¹⁶ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 413.

¹⁷ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 75.

¹⁸ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 154.

«Aprofundando a intuição genial de Agostinho, que via nas relações o elemento de distinção no seio da unidade divina, Tomás destacou a sua densidade ontológica, enraizando as relações, que dão origem às pessoas (processões), no único ser divino (*subsistentia*), que é o ser com que Deus é o que é (*substantia*: o que Deus é, a *natureza* divina); a pessoa apresenta-se, na sua conceção trinitária, como a “relação subsistente”, onde o termo *relatio* indica o que distingue o Pai do Filho (relação de paternidade), o Filho do Pai (relação de filiação) e o Espírito dos dois (relação de aspiração passiva e ativa), enquanto o adjetivo *subsistens* recorda a densidade ontológica da própria pessoa, baseada na única subsistência divina»¹⁹.

Na mesma linha das perspetivas anteriores pronuncia-se Karl Rahner, que se refere à teologia trinitária e à revelação histórica da origem da percepção de uma verdade transcendental²⁰. Ora, diante da experiência do ser eterno, a verdade comunica-se numa história concreta²¹. Assim, a teologia trinitária completa a prova de que Deus é um comunicador.

A comunicação dentro da Trindade, tema central na teologia cristã, especialmente na tradição católica, pode ser entendida como a confissão trinitária no tempo, a qual engloba os conceitos de Trindade «narrada», «discutida», «professada» e «raciocinada»²².

1.2.1. Trindade narrada

No que concerne à Trindade «narrada», Bruno Forte analisou o modo como a narrativa da fé cristã é reveladora da dinâmica interna da Trindade, apresentando a proclamação do evento pascal como uma história trinitária²³.

Forte escreveu que as confissões cristãs mais antigas uniam a alteridade dos momentos da cruz e da ressurreição numa identidade única, proclamando que “Jesus é o Senhor, o Cristo”²⁴. Para sustentar essa afirmação, o autor cita passagens bíblicas, como, por exemplo, At 2,36²⁵. Para ele, esta proclamação narra a história de humilhação e exaltação de Jesus, Filho, assim como a do Pai e a do Espírito Santo. O Pai entrega o Filho à morte e concede-Lhe uma nova vida, enquanto o Espírito é entregue na cruz e

¹⁹ Forte, *Trinidad como historia*, 154.

²⁰ Cf. João Duque, «Teologia Trinitária: A perspectiva de Karl Rahner», em *Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo...*, ed. Santuário de Fátima (Fátima: Gráfica Almondina, 2008), 195-210.

²¹ Cf. Duque, «Teologia Trinitária», 200.

²² Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61-89.

²³ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61-63.

²⁴ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61.

²⁵ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61.

derramado em plenitude na vitória pascal²⁶. Segundo Forte, este relato trinitário é uma narrativa que contagia o narrador, imergindo-o na vida divina ao relatar, com fé: “Porque se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo” (Rm 10,9). E, mais uma vez, o autor recorre a uma fonte de prova, citando-a como “a palavra da fé que pregamos” (Rm 10,8)²⁷.

A comunicação está igualmente presente na confissão cristã que, originalmente, possui uma estrutura narrativa, que se estende ao relato da história passada, presente e futura, lida como uma história trinitária²⁸. Sabe-se que o símbolo trinitário, na sua origem, é o relato da história de Deus para nós: a história do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Este símbolo, recitado pelos catecúmenos antes do batismo, evoluiu de uma tripla resposta para uma tripla pergunta e para uma confissão de fé, que reflete a história trinitária de Deus, como referido por Forte²⁹.

Deste modo, a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é refletida na comunidade dos crentes, que, pela graça do batismo, entram na vida trinitária, confessando a história do seu Deus³⁰.

1.2.2. Trindade discutida

Relativamente à Trindade «discutida», Forte destaca a complexa riqueza teológica e salvífica da confissão trinitária, desafiada por concepções preexistentes ou externas ao cristianismo, especialmente a concepção judaica e greco-helenística de Deus³¹.

O judaísmo, com o seu monoteísmo rigoroso, revela-se escandalizado pela identificação de Deus com Jesus, o Profeta galileu. A sua relação íntima com Deus, o Pai, e a proclamação pascal da sua morte e ressurreição representavam uma ameaça à transcendência divina e à promessa escatológica³². No contexto cristão, esta situação conduziu ao monarquianismo, que afirmava a unicidade de Deus através da primazia do Pai. Contudo, nem todos compartilhavam o mesmo pensamento: se, por um lado, o mundo greco-helenístico via no dogma trinitário um núcleo revolucionário que se opunha à

²⁶ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61.

²⁷ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 61-62.

²⁸ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 62.

²⁹ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 62.

³⁰ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 62-63.

³¹ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 63.

³² Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 63.

conceção grega do eterno retorno e da divindade estática³³; por outro lado, a fé pascal trinitária introduzia uma visão histórica, orientada para o cumprimento escatológico, contrapondo-se à visão cíclica grega, e promovendo a dignidade e centralidade do indivíduo como sujeito da história³⁴.

A visão grega, mais estática e metafísica, influenciava o cristianismo a subordinar o Filho e o Espírito Santo ao Pai, tal como no arianismo e no modalismo sabeliano³⁵. Neste sentido, o autor explicou as diferenças entre eles existentes: no arianismo, influenciado pela filosofia pagã, o Filho era visto como um intermediário entre o divino e o humano, enquanto, no modalismo, a divindade era reduzida a espécie de revelação, culminando no patripassianismo, no qual o Pai sofria e morria na cruz³⁶.

O judaísmo, a cultura pagã e a gnose contestavam a trindade cristã, defendendo a unidade divina contra aquilo que entendiam ser uma fragmentação intolerável da divindade no mundo mortal³⁷. No monoteísmo monárquico judeo-cristão, na solução ariana subordinacionista e na concepção modalista de Sabélio, prevalecia a lógica de que a figura divina não era determinada pelo evento pascal trinitário, mas sim pela concepção absoluta do “espírito do tempo”³⁸.

Forte sublinha, assim, que a negação do escândalo trinitário resulta numa rejeição do caminho de salvação oferecido por Deus, que procura reconciliar o múltiplo e o Uno na cruz e na ressurreição de Cristo.

1.2.3. Trindade professada

Confrontada com a recusa do escândalo trinitário e com a sua redução à concepção mundana do Absoluto, a fé cristã reagiu através de uma formulação dogmática explícita³⁹.

Segundo o autor, a principal motivação deste processo foi de natureza soteriológica, na medida em que negar a revelação da Trindade na história significaria impedir a salvação através da entrada da história na própria Trindade. Ou seja, se o Filho não fosse Deus, a cruz e a ressurreição não seriam eventos de salvação, mas apenas

³³ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 62-63.

³⁴ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 64.

³⁵ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 64.

³⁶ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 64.

³⁷ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 65.

³⁸ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 65.

³⁹ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 65.

episódios humanos. Se o Espírito não fosse Deus, a sua obra não poderia divinizar o ser humano, e o abismo entre história e glória permaneceria intransponível⁴⁰.

As duas grandes definições dogmáticas do mistério trinitário surgiram como resposta às tentativas de dissolução desse mistério: os concílios de Niceia (325) e Constantinopla (381). O primeiro confrontou a crise ariana, afirmando que não era a concepção helenista do Absoluto que deveria determinar a figura de Jesus, mas sim a prática e a pregação de Jesus que deveriam julgar essa concepção. Desta forma, a fórmula de consubstancialidade entre o Filho e o Pai foi crucial para afirmar a divindade plena de Jesus Cristo, resistindo à redução ariana⁴¹.

A defesa da fé de Niceia foi continuada pelos Padres Capadócijs e culminou no Concílio de Constantinopla, que reafirmou a divindade do Espírito Santo e a igualdade das três pessoas divinas. Desde então, o símbolo niceno-constantinopolitano, que consolidara essas definições, tornou-se uma pedra angular da fé trinitária, influenciando decisivamente a vida litúrgica e a teologia da Igreja⁴².

Contudo, os concílios também revelaram limitações. O confronto com o pensamento helenista levou a uma assimilação de elementos externos à fé original, resultando numa acentuação da unidade divina que, embora necessária para a defesa da Trindade, deixou em segundo plano a articulação das relações entre as pessoas divinas. Isto é, a estrutura narrativa original foi explicitada para afirmar a igualdade no ser divino, mas sem aprofundar as relações pessoais entre o Pai, o Filho e o Espírito⁴³.

1.2.4. Trindade raciocinada

De acordo com o autor, na exploração teológica da Trindade «raciocinada», podem distinguir-se três grandes momentos que refletem diferentes abordagens na reflexão sobre este mistério⁴⁴.

Inicialmente, no ambiente greco-latino, é acentuada a unidade da essência divina, onde se destacam figuras como Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino. Agostinho, por exemplo, procurava explicar a unicidade da Trindade mediante a noção de relações,

⁴⁰ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 66.

⁴¹ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 66-67.

⁴² Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 68-69.

⁴³ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 69-70.

⁴⁴ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 70.

concebidas como elementos imutáveis que fundamentavam as distinções entre as pessoas divinas. No entanto, segundo Forte, esta perspectiva tendia a desconsiderar a dimensão histórica da revelação, pelo que se focava mais na unidade essencial de Deus do que na sua atuação salvífica⁴⁵.

Posteriormente, na época moderna, com o surgimento do humanismo e do idealismo alemão, o pensamento trinitário enriqueceu-se com uma compreensão mais subjetiva⁴⁶. Figuras como Hegel reinterpretaram a Trindade como um processo dialético de autodiferenciação e autoidentificação em Deus⁴⁷. Então, Forte apoiou-se em Hegel, onde Deus é concebido como Espírito, um sujeito absoluto que se desenvolve através da distinção e da unificação em si mesmo, numa dinâmica de amor que reflete a história da humanidade. Esta visão engloba a dimensão escatológica da Trindade⁴⁸, a qual mostra como o processo vital de Deus culmina na reconciliação e na unidade absoluta.

No entanto, as perspectivas, tanto na primazia do ser ou da subjetividade, apresentam desafios. Na primazia do ser, existe o risco de reduzir as pessoas divinas a meras manifestações da essência única, enquanto na perspectiva subjetiva poderia diluir-se a verdadeira alteridade pessoal em Deus⁴⁹. Embora estas perspectivas tenham enriquecido a compreensão teológica da Trindade, também levantam questões sobre a relação entre a unidade e diversidade no ser divino, bem como sobre a relevância da Trindade na vida e na prática dos crentes.

Em terceiro lugar, Forte aponta a questão trinitária no contexto da objetividade do ser e da subjetividade do espírito, situando o pensamento sobre a Trindade no horizonte da história, pelo que se destaca a circularidade entre sujeito e objeto. Esta perspectiva está presente na tradição dos padres gregos, que explicam a unidade divina como uma unidade dinâmica, onde o Pai é o princípio ativo de onde procedem o Filho e o Espírito Santo, não num processo temporal, mas num movimento eterno de mútua interpenetração das pessoas divinas, conhecido como “pericórese”⁵⁰.

⁴⁵ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 70-72.

⁴⁶ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 76.

⁴⁷ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 76-77.

⁴⁸ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 77.

⁴⁹ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 79-80.

⁵⁰ Cf. Forte, *Trinidad como historia*, 81-88.

Em síntese, a comunicação dentro da Trindade é um diálogo eterno de amor e de vida partilhada, que se revela na história da salvação e que se vive na comunidade cristã através da fé, da liturgia e da vida sacramental.

1.3. Caráter transcendental da comunicação

Seguindo de perto Latourelle, o caráter transcendental da comunicação relaciona-se diretamente com a noção de revelação desenvolvida pela teologia fundamental do século XX.

A revelação não é apenas um ato de comunicação de Deus aos humanos, mas transcende a simples transmissão de informações. Trata-se de uma ação reveladora de caráter transcendental, na qual Deus comunica verdades essenciais à salvação, elevando a experiência humana para além do racional e do imediato⁵¹.

Para Latourelle, comunicar é a ação da revelação⁵², de tal forma que a comunicação religiosa, especialmente através da palavra (*dabar*), é apresentada como uma expressão do anseio humano pela transcendência, por algo maior do que o próprio eu⁵³.

Neste contexto, a revelação não se limita a instruir ou a informar, mas também transforma e molda a compreensão do ser humano sobre o seu lugar no *cosmos* e o seu relacionamento com o divino. Assim, a comunicação, em sentido teológico, não transmite apenas verdades, mas atua como um meio pelo qual Deus intervém na história humana e revela as suas vontades e decretos⁵⁴.

De seguida, propomo-nos examinar o conceito de “revelação” na passagem do I Concílio do Vaticano (1869-1870) para o II Concílio do Vaticano (1962-1965), com especial incidência nas constituições dogmáticas *Dei Filius* e *Dei Verbum*. Posteriormente, analisaremos em que medida esta mudança correspondeu a um retorno às fontes (Sagrada Escritura e Padres da Igreja).

⁵¹ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 235.

⁵² Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 243.

⁵³ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 272.

⁵⁴ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 369-372.

1.3.1. Caráter sobrenatural da revelação e o I Concílio do Vaticano

De facto, é com o I Concílio do Vaticano que o conceito de “revelação” ganha maior consistência, não tanto quanto à sua natureza ou às características dessa “revelação”, como virá a acontecer no II Concílio do Vaticano, mas sim quanto à sua existência, à sua possibilidade e ao seu objeto⁵⁵.

Tendo em conta o contexto histórico da época, não esquecendo o iluminismo europeu dos séculos XVII e XVIII e as diversas correntes filosóficas em vigor que negavam a possibilidade de uma revelação de caráter transcendente⁵⁶, e diante do panteísmo e do deísmo, o Vaticano I insiste numa revelação sobrenatural⁵⁷.

Enquanto no passado o protestantismo liberal e as posições extremas do modernismo tinham reduzido a revelação «a uma forma particularmente intensa do sentimento religioso universal»⁵⁸, no segundo capítulo da Constituição Dogmática *Dei Filius*, distinguem-se duas vias pelas quais o ser humano pode chegar ao conhecimento de Deus. Por um lado, a via ascendente, que parte da criação («por meio das coisas criadas» - DF, cap. 2), e que tem como objeto a luz da razão, atendendo à relação causal de Deus com o mundo; por outro lado, a via sobrenatural da revelação, que tem como autor Deus que se revela, que se faz conhecer e que dá a conhecer os decretos da sua vontade⁵⁹. Tal distinção induz-nos que esta noção de “revelação” convém à sabedoria e à bondade de Deus que vai ao encontro do ser humano, como sinal da sua infinita iniciativa e benevolência⁶⁰. Logo, «a revelação é entendida como palavra de Deus à humanidade: *Deus loquens locutus est*»⁶¹. Deste modo, o termo “revelação”, enquanto objeto da fé, evoca não só a ação de revelar, mas também o resultado, ou seja, a verdade revelada, sem esquecer que o recetáculo desta revelação continua a ser a Sagrada Escritura e a Sagrada Tradição (DS 3006)⁶².

Além disso, o I Concílio do Vaticano «afirma a realidade da Revelação como dom de Deus em oposição à autonomia absoluta da razão»⁶³, elencando três ordens de verdades: 1) as verdades naturais, que podem ser conhecidas pela razão; 2) as verdades

⁵⁵ Cf. René Latourelle, «Revelação», em *Dicionário de Teologia Fundamental*, ed. René Latourelle e Rino Fisichella, trad. Luiz João Baraúna (Petrópolis: Vozes, 1994), 846.

⁵⁶ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 290.

⁵⁷ Cf. Latourelle, «Revelação», 847.

⁵⁸ Latourelle, «Revelação», 846.

⁵⁹ Cf. Latourelle, «Revelação», 847-848.

⁶⁰ Cf. Latourelle, «Revelação», 848.

⁶¹ Latourelle, «Revelação», 848.

⁶² Cf. Latourelle, «Revelação», 849.

⁶³ Ari Ribeiro, «A Revelação nos Concílios de Trento e Vaticano II», *Revista Trim* 36, n.º 151 (2006): 60.

naturais reveladas por Deus, mas que podem ser conhecidas pela razão; 3) as verdades sobrenaturais, que apenas podem ser conhecidas pela Revelação (DS 3005)⁶⁴.

Efetivamente, é a intenção salvífica de Deus que esclarece o carácter necessário da revelação de ordem sobrenatural⁶⁵. Consciencializamo-nos, então, de quatro ideias centrais. Em primeiro lugar, a “revelação” parte da criação; em segundo, a noção de “revelação” é vista num sentido ativo e objetivo, na medida em que a ação de Deus é perspectivada em função da salvação do ser humano; em terceiro, o objeto material é o próprio Deus e os decretos da sua vontade salvífica; em quarto, a noção de “revelação” está intimamente ligada à noção bíblica e teológica de “palavra” e “testemunho”, pois, analogamente, confirmam a fé como uma ação do Espírito que fecunda a palavra recebida⁶⁶.

Em síntese, a contribuição do I Concílio do Vaticano é valiosa, na medida em que lança as bases e abre perspectivas para o II Concílio do Vaticano.

1.3.2. Deus em diálogo – o II Concílio do Vaticano

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* assenta no início da primeira carta de João (1 Jo 1, 2-3). Nela põe-se em evidência a comunhão entre quem fala nesta carta e aqueles a quem se dirige: «anunciamo-vos a vida eterna, que estava junto do Pai e nos apareceu: anunciamo-vos o que vimos e ouvimos, para que também vós vivais em comunhão conosco, e a nossa comunhão seja com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo» (1 Jo 1, 2). Porém, este diálogo entre Deus invisível e os seres humanos é muito característico, uma vez que supõe, por um lado, que Deus se coloca à altura do ser humano sem fingimento e, por outro, que se lhe revela a ele mesmo totalmente, no relacionamento que mantém com os crentes⁶⁷. Neste sentido, o texto de São João descreve todo o movimento da revelação: a vida em Deus, a vida que desce para o ser humano e que em Jesus Cristo se manifesta para trazer o retorno à vida, ou seja, para nos fazer viver em e para Deus⁶⁸.

Por isso, o II Concílio do Vaticano muda de perspectiva face ao I Concílio do Vaticano e começa pela revelação pessoal por parte de Deus e da salvação em Jesus Cristo. Primeiro, está a bondade de Deus, só depois a sua sabedoria. Através desta Constituição Dogmática, vemos a imagem de um Deus vivo que fala à humanidade. Aqui,

⁶⁴ Cf. Ribeiro, «A Revelação nos Concílios de Trento e Vaticano II», 60.

⁶⁵ Cf. Latourelle, «Revelação», 849.

⁶⁶ Cf. Latourelle, «Revelação», 846-850.

⁶⁷ Cf. Christoph Theobald, «La Révélation», *Revue théologique de Louvain* 36 (2005): 145.

⁶⁸ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 355.

a Palavra de Deus aplica-se principalmente à revelação. Esta é uma Palavra que perdura pelos séculos e através dos séculos, na Tradição e na Escritura⁶⁹.

A finalidade desta Constituição é expor a verdadeira doutrina sobre a revelação divina e a sua transmissão (cf. DV 1). Um aspeto que merece a nossa atenção é a referência a Santo Agostinho, no final do próêmio, que sublinha a preocupação pastoral que inspira todo o trabalho do concílio, sendo este já um sinal claro e inequívoco de um retorno às fontes (Patrística)⁷⁰. No que concerne ao objeto da revelação, deparamo-nos com uma personalização do conceito de “revelação”, constituindo uma revolução copernicana. Isto significa que somos convidados a viver em relação com Deus (relação teologal e personalística). Logo, o ser humano é capaz de Deus. A revelação provém do amor de Deus. Estamos, assim, na presença de um Deus dialogado, já que é o afeto que nos revela quem e como é Deus, como fez com Moisés (Ex 33, 11) e com os apóstolos (Jo 15, 14-15). Esta palavra, pela qual Deus preenche a distância que o separa do ser humano e chega à sua presença, é uma palavra de amizade, pois vem do amor e cresce na amizade. Quer isto dizer que Deus comunica com a sua criatura, fortalece os laços de amizade com ela e convida-a para uma vida íntima.

O plano salvífico de Deus para o humano é que este tenha acesso ao Pai no Espírito Santo, para que, assim, se torne participante da natureza divina (cf. DV 2). Este desígnio divino, expresso em termos de relações interpessoais, é muito importante, porque inclui os três principais mistérios do cristianismo: a Trindade, a encarnação e a graça⁷¹. A conversão do ser humano é resposta à revelação divina, pois, pela revelação, chegamos à verdade sobre Deus e sobre o ser humano. Uma vez que Deus se comunica de diferentes modos, pertence, pois, à inteligência da revelação descrever a economia adotada por Deus para falar à humanidade (“economia da salvação”)⁷². Neste seguimento, o II Concílio do Vaticano supera o I Concílio do Vaticano, que descreve a revelação como uma ação vertical que desemboca numa doutrina, mas que apenas toca a história.

Paralelamente, é pelo binómio «*gestis verbisque intrinsece inter se connexis*»⁷³ (DV 2) que o carácter englobante da revelação se explicita. Obras e palavras são realidades dependentes entre si para o serviço mútuo. Na realidade, este binómio espelha um retorno à Sagrada Escritura, pois vemos ações e obras de Deus tanto no Antigo Testamento (o

⁶⁹ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 354.

⁷⁰ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 355.

⁷¹ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 357.

⁷² Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 359.

⁷³ gestos, ações, palavras, acontecimentos, símbolos.

êxodo, a aliança, a instauração da monarquia, o exílio e o cativo da Babilónia), como no Novo Testamento (a pregação de Cristo, os milagres, a paixão)⁷⁴. Ora, esta relação entre palavras e ações atinge uma perfeita identificação em Jesus Cristo, o Verbo que se fez carne⁷⁵. Ou seja, tudo isto constitui a história da salvação, na medida em que «esclarece o mistério nelas contido» (DV 2). Considerando os gestos e as palavras como elementos constitutivos da revelação (cf. DV 2, 4, 14, 17), o concílio sublinha o caráter histórico e sacramental da revelação pelos acontecimentos iluminados pela palavra dos profetas, de Cristo e dos apóstolos. Em função disto, o caráter histórico da revelação aparece na própria ação de Deus que sai do seu mistério, entra na história e fala aos seres humanos como amigos (Ex 33, 11; Jo 15, 14-15), culminando na interpretação dos acontecimentos pela palavra. Sob uma outra perspectiva, o caráter sacramental da revelação figura na compreensão e na ajuda mútua de palavras e ações: Deus realiza o evento da salvação e explica o seu significado intervindo na história e manifestando o sentido da sua intervenção⁷⁶.

Além disso, esta conceção de “revelação” aprofunda as 3 faculdades superiores do ser humano: a inteligência, a afetividade e a vontade. Pela intimidade com Deus, o humano transforma a sua inteligência, ou seja, a revelação transforma a inteligência humana, pela fé e pelo Espírito Santo, numa relação de amor; desenvolve a sua afetividade pelo diálogo e fortalece a sua vontade, porque se aproxima da presença de Deus. Nesse sentido, a conceção integral da revelação corresponde a uma conceção integral da fé⁷⁷.

Nesta dinâmica da revelação, é essencial «a explicação que Jesus deu de si mesmo e, na continuidade dessa revelação, aquela que, à luz do Espírito Santo, a Igreja dos apóstolos recebeu e anunciou depois da sua ressurreição»⁷⁸, daí a importância da Tradição, isto é, da transmissão da vida em Cristo.

«Numa perspectiva diacrónica, as declarações do magistério vêm naturalmente depois da reflexão da era patrística e medieval»⁷⁹. Contudo, já o IV Concílio Lateranense, de 1215, a par do que afirmavam os Padres da Igreja, «sublinha os temas da economia e

⁷⁴ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 359.

⁷⁵ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 76.

⁷⁶ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 361.

⁷⁷ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 76.

⁷⁸ Tullio Citrini, «Revelação», em *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*, ed. Cristina Legora, Lucio Lamarque e Sergio Sabbadini, trad. Miriam Godinho (Lisboa: Editorial Verbo, 2004), 774.

⁷⁹ Latourelle, «Revelação», 844.

do progresso da revelação, que culmina em Jesus Cristo»⁸⁰. Com efeito, os Padres da Igreja, com as suas obras de carácter exortativo, já testemunhavam uma compreensão global do mistério revelador e salvífico de Deus em Cristo⁸¹, pois viam a revelação como uma realidade óbvia, pelo simples facto de as primeiras comunidades cristãs terem estado sob o efeito da epifania de Deus em Jesus Cristo, rematando, assim, a ideia de que Cristo é o mediador e a plenitude da revelação⁸². Por conseguinte, este plano de revelação responde a uma ação pedagógica de Deus: Deus educa a humanidade desde o início, preparando-a, progressivamente, para receber Cristo. Dessa forma, Deus adapta-se ao ser humano, à sua historicidade, dando-lhe a conhecer e perguntando-lhe o que é proporcional ao seu desenvolvimento cognitivo, social e moral⁸³.

Em síntese, o II Concílio do Vaticano veio reafirmar o carácter histórico da revelação, na medida em que correspondeu a um retorno às fontes (Sagrada Escritura e Padres da Igreja), apresentando a “revelação” como um encontro, no qual Deus fala com o ser humano, convidando-o à intimidade.

1.3.3. Mudança de conceção teológica da revelação

Apesar de se estabelecerem algumas pontes entre as duas constituições, a grande mudança prende-se com o facto de o II Concílio do Vaticano desdobrar o revelar do I Concílio do Vaticano em manifestar, dialogar e comunicar.

Mediante o exposto, na Constituição Dogmática *Dei Filius*, a revelação é informativa e cognitiva, ao passo que, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, a revelação não é instrução, mas é pôr em comum. Por outras palavras, estamos diante de uma revelação mais personalística, histórica e cristocêntrica, superando-se, assim, a estreiteza do conceito da teologia escolástica e do modelo instrucional.

Em suma, o II Concílio do Vaticano renovou notavelmente a problemática clássica da revelação cristã no que diz respeito à experiência humana de comunicação e comunhão com Deus⁸⁴.

⁸⁰ Latourelle, «Revelação», 844.

⁸¹ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 61.

⁸² Cf. Latourelle, «Revelação», 835.

⁸³ Cf. Izquierdo, *Teología Fundamental*, 62-63.

⁸⁴ Cf. Theobald, «La Révélation», 145.

1.4. Diálogo da Igreja com o mundo, sob o pontificado de Paulo VI

Neste subcapítulo, estabelece-se a ligação com o segundo capítulo, que será dedicado à biografia do papa Paulo VI. Fundamentamo-nos, para tal, na obra de René Latourelle. Naturalmente, também as contribuições de Paulo VI se revelam imprescindíveis para a compreensão do tema em questão.

Segundo Latourelle, de todos os documentos de Paulo VI, o mais importante sobre o tema da revelação é a sua primeira carta encíclica, intitulada *Ecclesiam suam*, uma vez que aborda, de forma abrangente, o conceito de revelação, tendo como centralidade o diálogo⁸⁵:

«A revelação, quer dizer a relação sobrenatural que Deus tomou a iniciativa de renovar com a humanidade, podemos-la imaginar como diálogo, em que o Verbo de Deus se exprime a si mesmo na Encarnação e depois no Evangelho. Esse colóquio paternal e santo, interrompido entre Deus e o homem pelo pecado original, é maravilhosamente reatado no decurso dos tempos. A história da salvação narra este diálogo longo e variado, a partir de Deus e a travar conversação com o homem, variada e admirável. É nesta conversação de Cristo entre os homens (cf. Br 3,38) que Deus dá a entender alguma coisa mais de si, o mistério da sua vida, admiravelmente una na essência e trina nas pessoas, e diz, em resumo, como quer ser conhecido: Ele é Amor, e como quer ser honrado e servido por nós: amor é o mandamento supremo que nos impõe. O diálogo torna-se pleno e confiado; é convite para a criança, o místico se exaure plenamente nele» (ES 41).

Paulo VI considerou a Igreja de Cristo sob um duplo movimento: fidelidade e atualização. Nas suas palavras, há uma ênfase especial quer na palavra de Cristo, quer nos sinais dos tempos que acompanham a humanidade e que refletem os seus costumes e a cultura⁸⁶:

«O dito não significa que seja intenção nossa ver a perfeição na imobilidade dessas formas que a Igreja foi revestindo através dos séculos; ou julgar que ela consiste em tornarmo-nos refratários a qualquer aproximação nossa às formas hoje comuns e aceitáveis nos costumes e na índole do nosso tempo. A palavra, hoje famosa, do nosso venerado predecessor João XXIII de feliz memória, a palavra “atualização”, sempre a teremos presente como orientação programática; confirmamo-la como critério diretivo do Concílio Ecuménico e continuaremos a recordá-la como estímulo

⁸⁵ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 343.

⁸⁶ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 343.

à vitalidade sempre renascente da Igreja, à sua capacidade sempre atenta a descobrir os sinais dos tempos, e à sua agilidade sempre juvenil de sempre e em toda a parte “tudo provar e de tomar para si o que é bom” (1 Ts 5,21)» (ES 27).

A referida encíclica sublinha a necessidade de a Igreja estar atenta às mudanças sociais e culturais, procurando sempre atualizar a sua mensagem sem, contudo, perder a fidelidade aos ensinamentos de Cristo. No mundo moderno, este diálogo contínuo e dinâmico é fundamental para a missão evangelizadora da Igreja. Aliás, «o diálogo entre os homens é a primeira forma da palavra, porque o diálogo está antes do monólogo»⁸⁷. «A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio» (ES 38), assim escreveu Paulo VI. Louis Bouyer, reconhecido teólogo francês do século XX, citado por Latourelle⁸⁸, afirmou que a essência da palavra é o diálogo⁸⁹. Seguindo esta linha de pensamento, Latourelle recorreu a várias obras francesas, incluindo a de Nedoncelle⁹⁰, que destaca o diálogo como elemento essencial nas relações humanas e na definição da pessoa.

Ora, isto explica a razão pela qual, na encíclica *Ecclesiam suam*, são apresentadas quatro qualidades essenciais do diálogo: clareza, mansidão, confiança e prudência (cf. ES 47). Assim, pode inferir-se que o diálogo desempenha um papel fundamental na procura da salvação pelo ser humano. Isto é, o diálogo da salvação pode servir de exemplo nas relações da Igreja com o mundo, e nas de cada cristão com outros seres humanos, especialmente no exercício da confiança e da caridade⁹¹.

Em primeiro lugar, a clareza é fundamental. O diálogo implica e exige que seja compreensível, pois trata-se de uma troca de pensamentos e de um estímulo para o uso das faculdades superiores do ser humano. Segundo Paulo VI, apenas essa característica já seria suficiente para o considerar um dos fenómenos mais elevados da atividade e cultura humanas. Por outro lado, essa exigência inicial de clareza tem o mérito de nos fazer reconsiderar todas as formas da nossa linguagem, para examinar se é compreensível, acessível ao público e adequada (cf. ES 47). A respeito da mansidão, o Papa afirmou que «o diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da

⁸⁷ Latourelle, *Teología de la revelación*, 346.

⁸⁸ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 346.

⁸⁹ Cf. Louis Bouyer, *Le rite et l'homme: sacralité naturelle et liturgie* (Paris: Editions du Cerf, 1962), 80-83.

⁹⁰ Maurice Nedoncelle, *La réciprocité des consciences: essai sur la nature de la personne* (Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1942).

⁹¹ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 348.

verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso» (ES 47). Outra característica é a confiança, tanto na eficácia do convite verbal como na capacidade de resposta do interlocutor. Essa confiança gera confidências e amizade, unindo os espíritos num compromisso mútuo com o Bem, que afasta qualquer interesse egoísta (cf. ES 47). Por fim, a prudência, «que atende muito às condições psicológicas e morais de quem ouve (cf. Mt 7,6): se criança, se inculto, indisposto, desconfiado e mesmo hostil. Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis» (ES 47). Assim, tendo presente estas características, realiza-se, no diálogo, «a união da verdade e da caridade, da inteligência e do amor» (ES 47).

Além disso, a encíclica descreve as características ou as propriedades do diálogo da revelação da seguinte forma⁹²:

1) «O diálogo da salvação foi aberto espontaneamente por iniciativa divina: “Ele [Deus] foi o primeiro a amar-nos” (1 Jo 4,10). A nós tocará outra iniciativa, a de prolongarmos até aos homens esse diálogo, sem esperar que nos chamem» (ES 42). Na revelação, tudo é antecipação e tudo é graça.

2) O diálogo da salvação surgiu da caridade e da bondade divina (cf. ES 42).

3) O diálogo da salvação não se restringiu aos méritos daqueles a quem foi dirigido, nem aos resultados que poderia alcançar ou deixar de alcançar (cf. ES 42).

4) Trata-se de um diálogo de profundidade inigualável devido à salvação que traz, mas que, ao mesmo tempo, respeita infinitamente a liberdade humana: «O diálogo da salvação não obrigou fisicamente ninguém a responder: foi pedido insistente de amor que se constituiu responsabilidade tremenda naqueles a quem foi dirigido (cf. Mt 11,21), contudo deixou-os livres para corresponder ou fechar os ouvidos» (ES 43). A par disto, a encíclica sublinha que os sinais da revelação não coagem a liberdade humana, mas são oferecidos como uma ajuda segura para que as pessoas possam aderir livremente e com mérito: «deixou-os livres... adaptou até o número e a força probante dos sinais (cf. Mt 12,38), às exigências e disposições espirituais dos homens (cf. Mt 13,13), facilitou assim

⁹² Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 348-349.

aos ouvintes o consentimento livre à revelação divina, sem perda do mérito por este assentimento» (ES 43).

5) Ninguém está excluído do diálogo da salvação, pois ele «foi destinado a todos sem qualquer discriminação» (ES 44).

6) Finalmente, este diálogo foi conduzido com paciência e sábia pedagogia: «o diálogo da salvação conheceu ordinariamente graus, progressos sucessivos, humildes princípios antes do resultado pleno» (ES 44), respeitando, desta forma, a lenta maturação psicológica e histórica da humanidade.

Neste sentido, existe uma profunda relação entre fidelidade e adaptação na ação da Igreja, no que ao Evangelho diz respeito, dinâmica esta que há-de marcar os dois eixos da ação da Igreja do pontificado do papa Paulo VI, pois procurou permanecer fiel aos princípios fundamentais do Evangelho e adaptar-se às necessidades e aos contextos contemporâneos. Se, por um lado, a fidelidade não pode ser uma mera preservação inerte e estéril; por outro lado, a adaptação deve ser cautelosa para não cair no perigo do relativismo, que poderia comprometer a sua fidelidade dogmática e moral (cf. ES 49). Logo, a solicitude pelo diálogo não deve resultar numa «atenuação ou diminuição da verdade» (ES 50), visto que «o irenismo e o sincretismo são, no fim de contas, formas de cepticismo a respeito da força e do conteúdo da Palavra de Deus» (ES 50).

Portanto, é necessário um equilíbrio delicado, que a Igreja deve incessantemente manter ou redescobrir. Tal equilíbrio está intrinsecamente ligado à própria natureza da revelação, que se insere na história para chegar ao ser humano⁹³.

⁹³ Cf. Latourelle, *Teología de la revelación*, 350.

CAPÍTULO 2: O PAPA PAULO VI – BIOGRAFIA

2.1. Do nascimento ao sacerdócio

O nome de batismo de Paulo VI é Giovanni Battista Enrico António Maria Montini. Paulo VI, ou João Baptista Montini, nasceu a 26 de setembro de 1897 em Concesio⁹⁴, no norte de Itália. Foi o segundo filho a nascer de uma mãe em dificuldade de parto e ansiosa, enquanto o pai estava em oração desesperadamente, proclamando tamanha gratidão. Quando o parto estava fora de perigo, o Pai, Giorgio, caminhou até à igreja de Santo António, que ficava próximo. Passados uns dias, a 30 de setembro, levou o bebé à Igreja. William Barrett⁹⁵ conta-nos que, nessa Igreja, foi batizado por Fiorini, sendo Enrico Manzoni, advogado bresciano e amigo de Giorgio, o padrinho. A pia batismal estava situada na parte de trás da igreja. A mãe do bebé teve uma recuperação muito lenta, e, por isso, a criança ficou durante alguns meses numa família adotiva, um casal amigo da família e com filhos, que o acolheu⁹⁶.

A sua mãe, Giuditta Alghisi, é natural de Verolavecchia (Brescia, pequena cidade situada numa planície, à distância de pouco mais que 1 hora de Mântua, Milão e de Veneza), nascida no dia 17 de julho de 1874, e conhecida pelos seus hábitos de leitura, pela sua grande piedade eucarística e devoção mariana⁹⁷. Participava em atividades de grupos espirituais ligados à Igreja, fazia visitas a doentes e aos mais necessitados, para lhes aliviar o sofrimento, sem esquecer ela própria, devido à saúde frágil que tinha, mas mantendo o seu brilho de bondade e ajuda ao próximo⁹⁸.

Guiditta Alghisi (1874-1943) era a única filha de Giovanni Battista, seu Pai, que viria a falecer um ano após o seu nascimento. Aos quatro anos, perdeu a mãe⁹⁹. O escritor Eduardo de la Hera Bueno conta que, nessas circunstâncias, os avós deram o apoio necessário. E foi numa peregrinação a Roma (1893), para receber a bênção do Papa Leão XIII, que conheceu Giorgio Montini, que viria a ser seu marido, com quem se casou a 1 de agosto de 1895.

⁹⁴ Cf. Manuel Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido: Anécdotas de un Papa* (Madrid: San Pablo, 2014), 7; Cf. William Edmund Barrett, *Shepherd of Mankind: A Biography of Pope Paul VI* (New York: Doubleday, 1964), 23.

⁹⁵ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 24.

⁹⁶ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 28-30.

⁹⁷ Cf. Giselda Adornato, *Pablo VI: El coraje de la modernidad* (Bogotá: San Pablo, 2010), 17-20.

⁹⁸ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 32-37.

⁹⁹ Cf. Eduardo de la Hera Buedo, *La noche transfigurada: Biografía de Pablo VI* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002), 24-25.

Seu pai, Giorgio Montini, é natural de Brescia, nascido a 30 de junho de 1869, e também conhecido por ter sido um leitor inveterado¹⁰⁰, tendo falecido a 3 de novembro de 1926¹⁰¹. Giorgio foi jornalista, escreveu editoriais, inserindo retóricas com o veterano Zanardelli¹⁰². Dedicou parte de alguns anos da vida à política dos católicos italianos, como voluntário; em 1895, foi eleito para o conselho municipal e provincial; em 1914, foi novamente conselheiro do Município, uma espécie de assessor; entre 1917 e 1918, foi presidente geral da União Eleitoral Católica italiana e deputado no Parlamento pelo Partido Popular (PPI) nas legislaturas de 1919, 1921 e 1924¹⁰³. William Barrett destaca as principais formas de estar na vida de Giorgio Montini: procurava a verdade, a democracia, o progresso e o bem público. Um lutador de causas, corajoso, inabalável, um ser humano com qualidades severas, e com uma personalidade mais suave para com a esposa¹⁰⁴.

Montini é o segundo dos três irmãos, Pedro Ludovico é o mais velho e nasceu a 8 de maio de 1886, tendo chegado a ser um Senador da República; Gian Battista, o segundo, nascido, conforme já referimos, a 26 de setembro de 1897, e que foi Papa; e finalmente, Francesco, médico, e que morreu em Brescia em 1971, com um enfarte¹⁰⁵.

A avó paterna, Francesca Buffali (1835-1921)¹⁰⁶, além de aristocrata, tinha uma fé cristã incrível que compartilhava com o marido, Ludovico Montini, do qual enviuvou em 1871; os dois, em Brescia, faziam parte da organização da juventude católica¹⁰⁷. Francesca Buffali, filha de um médico, Giorgio Buffali, e de Elisabetta Onofri, foi uma mulher piedosa, com uma educação nobre influenciada pelo colégio onde estudou¹⁰⁸.

A família dos Montini trabalhava em Brescia na imprensa local¹⁰⁹. Era uma família com espírito de humanismo cristão, que conquistou muitas amizades e de grande qualidade¹¹⁰. Podemos dizer que o futuro papa foi criado numa família católica praticante e desde jovem mostrou interesse pela vida religiosa. O irmão de Paulo VI, Ludovico, que tinha parencas de perfil, nomeadamente, o afundamento dos olhos, a forma do nariz, e

¹⁰⁰ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 9-10.

¹⁰¹ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 27.

¹⁰² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 34-38.

¹⁰³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 26-28.

¹⁰⁴ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 42-51.

¹⁰⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 31.

¹⁰⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 32.

¹⁰⁷ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 15.

¹⁰⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 31.

¹⁰⁹ Cf. Jean Guittou, *Diálogos com Paulo VI: O papa analisa os problemas mais actuais*, trad. Sousa Victorino (Lisboa: Livros do Brasil, 1967), 53.

¹¹⁰ Cf. Carlo Cremona, *Pablo VI* (Madrid: Palabra, 1996), 12.

um ar de aplicação ardente, deu continuidade à tradição paterna, uma vez que foi senador e vice-presidente da Assembleia Consultiva do Conselho da Europa¹¹¹. Ludovico participou, ainda jovem, na Primeira Guerra Mundial (1915-1918); em abril de 1921, doutorou-se em Direito, na Universidade de Roma, sendo felicitado pelo irmão Battista e a revista juvenil *La Fionda* salientou-o numa publicação¹¹². A partir daí, fez a sua carreira profissional. Entre outras atividades, iniciou-se como funcionário da Oficina Internacional do Trabalho (OIT), em Genebra¹¹³. A 22 de outubro de 1924, Ludovico casou com Guiseppina, os quais tiveram 7 filhos¹¹⁴.

O irmão mais novo, Francesco (1900-1971) era o intelectual da família. Realizou os estudos em Pádua e em Siena, terminando-os em 1924. E durante 34 anos dirigiu o laboratório de análises clínicas do Hospital Fatebenefratelli de Brescia. Além de outras atividades, durante e após a Segunda Guerra Mundial, teve participação política, fazendo parte do Partido Democrata Cristão¹¹⁵.

Nos hábitos familiares, constatamos que rezavam antes de a mãe pôr os filhos a dormir¹¹⁶. Acresce a essa prática espiritual o facto de que Montini cresceu a apreciar a arte da Igreja da Paróquia onde vivia¹¹⁷.

Quando Montini tinha 15 anos de idade, além de estudante, ocupou o lugar de jornalista, no *Il Cittadino di Brescia*, que era do seu pai, que se aposentara¹¹⁸. Com muito esforço e sendo ainda jovem, Montini adoeceu quando fez 16 anos de idade. Parece ter tido problemas respiratórios frequentes, tendo ficado de cama e tendo deixado de ir à escola¹¹⁹.

Curiosamente, descobriu-se, nas *Lettere ai familiari* de 1930¹²⁰, que Montini sempre celebrou o dia do seu aniversário, assim como o dia do seu Batismo. Eduardo de la Hera Buedo conta que, na sua vida, tiveram influência a sua mãe, Giuditta, a avô paterna, Francesca e a tia Maria, inculcando-lhe princípios nobres. A tia Maria (1872-1951) era solteira e viveu sempre na casa do Pai Giorgio, tendo acompanhado o sobrinho Battista nos sucessos da vida religiosa¹²¹.

¹¹¹ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 58.

¹¹² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 29, 52, 105.

¹¹³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 112-137.

¹¹⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 31, 203.

¹¹⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 208-209.

¹¹⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 19-24.

¹¹⁷ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 23.

¹¹⁸ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 45, 47.

¹¹⁹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 38.

¹²⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 23.

¹²¹ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 34-35.

Na família de Montini, existiram dois primos irmãos que seguiram a vida religiosa: Luigi Montini (1906-1963) ordenou-se presbítero em 1940, e Carlo Montini (1903-1972) ordenou-se sacerdote (1935), exercendo, primeiramente, como capelão militar na Segunda Guerra Mundial, mais tarde (de 1940 a 1960), foi reitor do Seminário Diocesano de Brescia, Procurador-Geral (1960) e, a partir de 1968, foi cónego da catedral¹²².

Montini, com quase 5 anos de idade, subiu a montanha Gulielmo, localizada na região da Lombardia, norte da Itália, e assistiu à missa solene presidida pelo Bispo de Brescia, Pellegrini. Consta¹²³ que foi um dia memorável para ele. Em novembro de 1903, com 6 anos, fez a matrícula na primeira classe elementar, como aluno externo, no Colégio Cesare Arici¹²⁴. Confirma-se que Giovanni Battista Montini frequentou a escola primária, o ginásio e parte do liceu no colégio Cesare Arici, que tem sido mantido em Bréscia pelos jesuítas, tendo concluído os estudos secundários no liceu público municipal em 1916¹²⁵. O colégio Arici foi onde também estudaram os irmãos de Battista, tendo sido fundado em 1888 com a ajuda do Pai Giorgio a Guiseppe Tovini, que lutou pela liberdade do ensino e convenceu os católicos a abrirem as próprias escolas¹²⁶.

William Barrett¹²⁷ define a personalidade de Montini nos seus primeiros anos de vida, afirmando que parecia ter nascido para ouvir em vez de falar. Refere, ainda, que o primeiro professor foi Ezechiele Malizia, em Brescia, que tanto Montini como sua mãe tinham saúde frágil, sendo uma criança com disciplina. E, dito por Eduardo de la Hera Buedo¹²⁸, constatamos que na infância foi conhecido como sendo de bom trato e elogiado.

Enquanto Paulo VI viveu em Brescia, e quando Mussolini esteve no poder pelo Partido Nacional Fascista, havia uma esperança incerta, a liberdade era de sobressaltos, de tal modo que chegou a presenciar isso mesmo no trabalho do seu pai, como jornalista de um jornal efêmero¹²⁹. A família Montini teve vários domicílios em Brescia, mas a partir de 1907 instalaram-se definitivamente na Vila de Grazie, n.º 17¹³⁰, na região de

¹²² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 35-36.

¹²³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 39.

¹²⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 43-44.

¹²⁵ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)», acedido a 25 de setembro de 2023, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html.

¹²⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 44.

¹²⁷ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 44-45.

¹²⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 44-45.

¹²⁹ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 53-55.

¹³⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 20-49.

Lombardia, Itália. Na sua vida nesta cidade, Montini foi, em grande parte, bastante formal e preciso, estando fora dos seus planos o entusiasmo de praticar desportos¹³¹.

As primeiras saídas de Montini da cidade de Brescia foram para ir visitar a tia Bettina, irmã de seu pai, a Milão, e a Roma foi em visita familiar ver o Papa Pio X, tendo sido recebidos em audiência privada. Nessa altura, Montini tinha 9 anos¹³². Desta forma, fica assinalado que o jovem Montini realizou a sua primeira viagem a Roma em 1907, sendo recebido juntamente com a sua família em audiência privada pelo Papa Pio X¹³³, Giuseppe Sarto (Papa entre 1903-1919)¹³⁴. Posteriormente, foi recebido, juntamente com o seu pai, por Bento XV¹³⁵. Montini, desde cedo, é conhecedor da cultura da Igreja Católica. Ele «realiza alguns retiros espirituais», os quais, segundo Adornato, foram essenciais para o amadurecimento da vocação daquele que viria a ser mais tarde Papa¹³⁶.

Montini, conforme já referimos, admirava a sua mãe, avó e tias, numa altura em que as mulheres não exerciam uma atividade profissional, social ou política¹³⁷. O simbolismo do papel da mulher na sociedade estava no íntimo de Montini, pelo carinho, pela admiração e valor que dava às mulheres da sua própria família mais próxima.

Battista recebeu os sacramentos: a Primeira Comunhão quando tinha 9 anos (6 de junho de 1907) e a Confirmação (Crisma), no mesmo ano, a 21 de junho¹³⁸.

Da vida de Montini, desde a infância, abrangendo o círculo familiar, fazem parte diversas obras, que detalham as suas vivências no processo da escrita, como parte constituinte da experiência e mesmo do saber antropológico, os quais podemos chamar documentos montinianos¹³⁹. Montini, quando adolescente, foi congregante¹⁴⁰. Reunia-se com outros grupos de pessoas para participar em assembleias religiosas.

Montini terminou o secundário em 1913. Apesar das dificuldades em ir a exame por motivos de saúde e faltas durante o ano letivo, mesmo assim acabou por obter uma boa classificação, porque lhe foi dada oportunidade de realizar o exame¹⁴¹. Entre 1916 e 1917, estudou no Seminário de Santo Ângelo de Brescia. O internato constituía um

¹³¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 44-45.

¹³² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 52-53.

¹³³ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 21.

¹³⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 69.

¹³⁵ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 21.

¹³⁶ Adornato, *Pablo VI*, 22, 27.

¹³⁷ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 45.

¹³⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 49.

¹³⁹ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 16-20; Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 238; Cf. Cremona, *Pablo VI*, 23-26; Cf. Adornato, *Pablo VI*, 11.

¹⁴⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 55-90.

¹⁴¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 49.

problema para Montini, devido à saúde frágil a nível físico e psicológico. Então, durante o período de estudos, foi aluno externo¹⁴². Os anos de estudo coincidiram com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a qual era difícil de ser entendida por Montini, pela crueldade de sangue e por ser inútil, no seu ponto de vista. Na verdade, foi um período conturbado para a Europa¹⁴³.

Sabemos que estudou, entre 1919-1920, no Seminário de Brescia, até à ordenação sacerdotal¹⁴⁴. O trabalho final de curso foi em Direito Canónico, e foi apresentado na Faculdade Pontifícia de Milão¹⁴⁵. O ano de 1919 também ficou marcado por ações sociais, nomeadamente políticas, pelo Partido Popular Italiano, onde o seu pai, Giorgio Montini se tornou um honrado deputado. O objetivo político era o envolvimento dos leigos católicos na política do país¹⁴⁶. A participação cívica motivada por causas nobres, a cultura, os estudos, a escrita, fizeram parte do currículo ao longo da vida de Montini.

2.2. Sacerdócio

A 2 de março de 1920, foi ordenado subdiácono, e, a 8 de março, tornou-se diácono. A 29 de maio de 1920¹⁴⁷, na Catedral de Brescia¹⁴⁸, recebeu a ordenação sacerdotal, pelo bispo Giacinto Gaggia (1847-1933)¹⁴⁹. Mais tarde, em 12 de dezembro de 1954, é a vez de receber a ordenação episcopal. Contudo, é de ressaltar que o dia da ordenação presbiteral foi dos dias mais marcantes na vida de Montini, com os familiares a ocupar os bancos na primeira fila da catedral¹⁵⁰.

Posteriormente, Battista Montini entrou no Seminário Lombardo em Roma no dia 10 de novembro de 1920¹⁵¹. Nessa altura, matriculou-se em cursos na Universidade Gregoriana e na Universidade de Roma. Encarava a vida sacerdotal como um sonho. O Bispo e Reitor do Seminário Lombardo, Giacinto Gaggia, analisava o valioso talento de Montini, dando-lhe a bênção¹⁵².

¹⁴² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 48-50.

¹⁴³ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 52-58.

¹⁴⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 78, 88, 90; Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 43-45.

¹⁴⁵ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 42-49.

¹⁴⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 104-106.

¹⁴⁷ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 23.

¹⁴⁸ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 83.

¹⁴⁹ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)».

¹⁵⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 103, 113-120.

¹⁵¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 93.

¹⁵² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 93.

Um dos biógrafos de Montini, Gisela Adornato¹⁵³, na sua obra intitulada *Paulo VI: El coraje de la modernidade*, dedica todo um capítulo ao coração de Paulo VI, referindo «coração como um termo que aparece centenas de vezes no magistério montiniano»¹⁵⁴. Com isto, recordamos a homilia de Montini no dia em que se ordenou sacerdote. Nessa ocasião, dirigiu uma oração ao Senhor, para o considerar como jovem ministro, com «um coração grande, capaz de assemelhar-se a Cristo e conter dentro de si todas as dimensões da Igreja, as dimensões do mundo, capaz de amar a todos, de servir todos, de ser intérprete de todos (...) um coração capaz de compreender os demais corações»¹⁵⁵.

No dia seguinte à sua ordenação, celebrou a sua primeira missa no santuário de Nossa Senhora das Graças¹⁵⁶. Emocionou os familiares e amigos presentes na cerimónia¹⁵⁷. Ouviu-se a oração: «Concede, ó meu Deus, que todas as mentes se unam na verdade e todos os corações na caridade»¹⁵⁸, palavras reproduzidas de Pio X. O conde Giovanni Longinotti (1959-1937) foi o seu padrinho¹⁵⁹.

Após o verão de 1920, estando em Roma, Montini continuou a estudar. A atualização de conhecimentos por parte de Paulo VI está refletida nas mais diversas obras que encontramos e que utilizamos como referências bibliográficas¹⁶⁰: licenciou-se em Filosofia pela Pontificia Universidade Gregoriana e em Direito Canónico (1922)¹⁶¹. Os anos de 1921 e 1922 foram ricos, cultural e academicamente para Montini¹⁶². Continuou os estudos, de 1923 a 1924, na Universidade Lateranense. E, em 3 de julho de 1924 licenciou-se em Direito Civil, com a tese sobre *Pontificia Universidad Lateranenses. Perfil de su Historia, de sus maestros y de sus discípulos*¹⁶³.

A 22 de janeiro de 1922, o Papa Bento XV, extremamente adorável, morreu¹⁶⁴. O mesmo autor referido anteriormente, Hera Buedo, diz que Montini esteve presente nas cerimónias do luto. Seguidamente, o ano de 1922 ficou marcado pela eleição do Papa Pio

¹⁵³ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 17-27.

¹⁵⁴ Adornato, *Pablo VI*, 6.

¹⁵⁵ Adornato, *Pablo VI*, 6.

¹⁵⁶ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 59.

¹⁵⁷ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 47-49

¹⁵⁸ Adornato, *Pablo VI*, 23.

¹⁵⁹ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 47.

¹⁶⁰ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 25-26.

¹⁶¹ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 137.

¹⁶² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 68-69.

¹⁶³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 203-205.

¹⁶⁴ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 69.

XI, e Montini esteve nas celebrações, onde, na altura, teve oportunidade de se relacionar com Achille Ratti, Arcebispo, e depois Papa Pio XI¹⁶⁵.

Battista Montini tinha crenças próprias e mostrava-se sensível diante dos problemas da Igreja e do Estado, das paróquias, e estava vocacionado para levar esperança e conforto àqueles a quem a vida havia ferido, as pessoas desprotegidas, com vida amarga, as preteridas, as inaptas¹⁶⁶.

A vocação literária de Montini tornou-se pública pelas relações editoriais no jornal *La Fionda*, e quando ajudava os párocos de Brescia na preparação dos sermões dominicais¹⁶⁷. Certamente, *La Fionda* foi muito mais do que um entretenimento estudantil, arrojava-se até a publicar futuros projetos eclesiais, sociais e políticos¹⁶⁸.

Sabemos que a 23 de maio de 1923¹⁶⁹, Battista Montini foi para Varsóvia. Durante alguns meses, pelo menos seis¹⁷⁰, foi destinado ao serviço diplomático e trabalhou como adido na Nunciatura Apostólica, em Varsóvia, Polónia¹⁷¹. Nesta sua passagem pela Polónia, fez amizades, do modo como fez com Karol Wojtyła; contemplou o povo polaco, ainda carregando as cicatrizes da Primeira Guerra Mundial¹⁷², formando uma opinião, altura em que por influência soviética (comunismo), o povo deste país parecia não simpatizar com a Santa Sé¹⁷³. Segundo Barrett¹⁷⁴, o Tratado de Versalhes estabeleceu limites altamente irrealistas quando restabeleceu a Polónia como nação¹⁷⁵; as pessoas, nas fronteiras, com alemães, lituanos e russos, ainda sentiam as injustiças mesmo já sem conflito. Refere o mesmo¹⁷⁶ que quase um terço dos cidadãos, incluídos nos limites das fronteiras do tratado, não eram polacos no idioma, raça e cultura. Ao mesmo tempo, os patriotas viviam o sonho da liberdade contra as potências estrangeiras.

Voltou a Roma, e o verão de 1923-1924 passou-o em Paris¹⁷⁷. Montini admirou a Congregação Dom Posper Guéranger, fundada em 1837, uma atração cultural, atraído

¹⁶⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 125.

¹⁶⁶ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 72-73.

¹⁶⁷ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 35, 50.

¹⁶⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 77.

¹⁶⁹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 71.

¹⁷⁰ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 71-73.

¹⁷¹ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)».

¹⁷² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 71-75.

¹⁷³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 166.

¹⁷⁴ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 71-99.

¹⁷⁵ O Tratado de Versalhes foi um acordo de paz assinado após a Primeira Guerra Mundial em 1919, que envolveu várias nações, incluindo a Alemanha. Esse tratado impôs pesadas sanções à Alemanha e redesenhou as fronteiras de vários países europeus, como a Polónia.

¹⁷⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 140-166.

¹⁷⁷ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 167-196.

pela beleza gregoriana e foi um admirador da cultura francesa, da literatura. Adorava Georges Bernanos (1888-1948), um escritor católico romano¹⁷⁸.

O futuro papa teve alguns cargos que lhe deram experiência de vida. Assim foi assistente espiritual dos estudantes da Universidade Católica do Sacro Cuore de Milão (1924); entrou na Secretaria do Estado do Vaticano¹⁷⁹ em outubro (1924)¹⁸⁰. Foi assistente eclesiástico do círculo romano da Federação Universitária Católica Italiana [FUCI], de 1925 a 1933¹⁸¹. Mais tarde, pela experiência que já possuía, contribuiu para a fundação do Movimento de Licenciados Católicos (1932)¹⁸². Durante as três décadas que esteve a prestar serviço na Secretaria de Estado do Vaticano desenvolveu talentos, conhecimento e contactos¹⁸³.

Conforme temos vindo a relatar, as viagens são passagens importantes na vida de Montini: em 1926, 1930 e 1934, esteve em França; o Verão de 1926, passou-o na Suíça (Genebra, Friburgo, Gruyère e Berna); em 1928, viajou para a Bélgica e Alemanha; em 1934, foi à Grã-Bretanha; em 1951, visitou os Estados Unidos e o Canadá¹⁸⁴.

Vivenciou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), onde as suas palavras foram fortes no sentido de encontrar a paz e de a celebrar, seguindo o caminho de Deus¹⁸⁵. O conflito internacional era uma das preocupações de Montini. Refletia-o nas suas cartas que escrevia à família. O drama do sangue, a angústia, o medo, o ódio, atormentavam populações inteiras¹⁸⁶. Recordemos alguns acontecimentos, segundo Hera¹⁸⁷: a 1 de setembro de 1939 Hitler invadiu a Polónia; a 3 de setembro, a França e Reino Unido declaravam guerra ao império alemão; a 17 de setembro a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) invade a Polónia; a 10 de junho de 1940 Mussolini declara guerra à França e Inglaterra; em dezembro de 1940, a situação piora, Itália chorou pelos seus 130000 prisioneiros na Líbia; na primavera de 1941 o exército italiano perdeu a Eritreia, Somália e Etiópia; o Duque de Aosta rendeu-se aos britânicos com 250.000 homens; a partir de junho de 1941, Hitler atacou a União Soviética; a 7 de dezembro de

¹⁷⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 184-195; Cf. Andrea Riccardi, *Juan Pablo II: La biografía* (Madrid: San Pablo, 2011), 85.

¹⁷⁹ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 30.

¹⁸⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 197; Cf. Adornato, *Pablo VI*, 30.

¹⁸¹ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)».

¹⁸² Cf. Adornato, *Pablo VI*, 37.

¹⁸³ Cf. Peter Hebblethwaite, *Paul VI: The first modern Pope* (New York: Paulist Press, 1993), 400-406.

¹⁸⁴ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 5-64.

¹⁸⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 290-342.

¹⁸⁶ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 146-180; Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 289-342.

¹⁸⁷ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 289.

1941, o Japão atacou o Porto das Pérolas (Estados Unidos); em 1942 a Guerra não dava sinais de terminar; no verão de 1943 Benedito Mussolini foi preso no Palácio de Quirinal e foi-lhe retirado o cargo de primeiro ministro; entrou o ano de 1945 e a Guerra estava decidida, rendeu-se a Alemanha incondicionalmente¹⁸⁸; e deu-se a rendição do Japão a 6 de agosto¹⁸⁹. Motivos muitos fortes para o Sacerdote estar preocupado com os acontecimentos da Guerra, o qual, entre outras participações, colocou em contacto famílias separadas pelas ações do conflito, além de ajudar aqueles que pediam asilo¹⁹⁰. Durante a sua vida sacerdotal Montini destacou-se pela defesa da unidade da Igreja e pelo compromisso em ajudar os pobres e os mais desfavorecidos.

O ano de 1948 ficou marcado pela campanha e vitória democrata-cristã em Itália, facto relevante aos olhos de Montini, que se opunha intransigentemente ao comunismo¹⁹¹. Após a longa crise da II Guerra Mundial com um impacto mundial transformador nas questões alimentares, economia, sistema financeiro e geopolítico, de 1945 a 1954, Montini testemunhou e contribuiu para a reconstrução da Europa, através de equipas organizadas dirigidas aos mais desfavorecidos, que sofreram danos e perdas no conflito¹⁹². Em Montini ainda se destaca: o simbolismo simpatizante com a Democracia Cristã na revitalização de Itália (o partido alternativo ao comunismo); a colaboração na preparação do Ano Santo (1950) e as viagens pelo Norte da América e outros países, como embaixador do Vaticano.

2.3. Episcopado

A 5 de janeiro de 1955, um dia muito frio, Montini tomou posse como Arcebispo de Milão¹⁹³. Apesar da saúde vulnerável e do rude clima do Norte, que não ajudava à saúde frágil, logo se prontificou a servir a Igreja¹⁹⁴. Foi o 140.º Arcebispo de Milão¹⁹⁵. Monsenhor Montini, em 1952, tinha sido abençoado por um recém-ordenado Bispo, Helder Pessoa Câmara (1909-1999), brasileiro, seu amigo espiritual desde 1950, que tanto o admirava¹⁹⁶. Ivanir Rampon conta-nos que o discurso de Montini deixou o amigo

¹⁸⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 239-338.

¹⁸⁹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 340.

¹⁹⁰ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 341-344.

¹⁹¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 193-194.

¹⁹² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 345-346.

¹⁹³ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 218.

¹⁹⁴ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 70, 78-79.

¹⁹⁵ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 205-209, 218.

¹⁹⁶ Cf. Ivanir Antonio Rampon, *Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual* (São Paulo: Paulinas, 2016).

Helder emocionadíssimo. Foi um acontecimento¹⁹⁷. Em vestes episcopais, curvou-se e beijou a terra da Lombardia¹⁹⁸, memórias que provam um momento único¹⁹⁹. Enquanto Arcebispo de Milão viria a visitar aproximadamente mil paróquias, de todos os tipos, urbanas, suburbanas, rurais, até as paróquias dos Alpes, quase inacessíveis.

O seu primeiro dia como Arcebispo foi completo: visitou a maior prisão e falou com os prisioneiros, seguidamente seguiu-se uma visita aos hospitais²⁰⁰. Foi acompanhado de Giovanni Macchi, o seu secretário, e Ernesto Basadonna, chanceler da arquidiocese.

Enquanto arcebispo de Milão, sofreu um atentado terrorista contra a residência onde morava, em 1950, do qual, felizmente, sobreviveu²⁰¹. Recorde-se que Milão e as áreas em redor tinham sido bombardeadas brutalmente durante a guerra e mesmo na reconstrução²⁰².

Na sua carreira, relacionou-se com Pio XI (assistiu à sua partida, quando se desligou dos vivos em 10 de fevereiro de 1939) e Pio XII, seu superior desde 1930²⁰³, que viria a falecer a 9 de outubro de 1958, o que, nessa altura, comoveu Montini²⁰⁴. Os dois, Montini e Pacelli, participaram no “XXXIV Congresso eucarístico internacional de Budapeste”²⁰⁵. «Monsenhor Montini serviu inicialmente com Pio XI, que foi o primeiro a distinguir o seu valor»²⁰⁶. Consta, porém, que essa estima era velada²⁰⁷. Pio XII confessou aos pais de Montini a admiração pelas qualidades humanas do filho²⁰⁸. Monsenhor Montini compartilhava o cargo de «pró-secretário» com Monsenhor Tardini (Cardeal, ajudante de Pio VII), encarregado da «primeira secção» da Secretaria²⁰⁹.

A arquidiocese continha cerca de quatro milhões de pessoas, servidas por 2200 sacerdotes, e mil jovens estudantes no seminário, 12 colégios católicos²¹⁰.

¹⁹⁷ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 76-78.

¹⁹⁸ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 218.

¹⁹⁹ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 77.

²⁰⁰ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 219.

²⁰¹ Cf. Hebblethwaite, *Paul VI*, 449.

²⁰² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 146-154.

²⁰³ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 38-84.

²⁰⁴ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 160.

²⁰⁵ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 38.

²⁰⁶ Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 55.

²⁰⁷ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 87-88.

²⁰⁸ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 70.

²⁰⁹ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 104.

²¹⁰ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 219.

O Arcebispo Montini entendida que os sacerdotes poderiam salvar o mundo, reunia com os mesmos e faziam retiros²¹¹. Dom Montini, Arcebispo de Milão, pregava em retiros e, segundo Rampon, cumpria a tradição. A comunicação era baseada nos mais desfavorecidos. Apelava à devoção a Deus²¹². O arcebispo Montini torna-se mais generoso a direcionar as energias para comunicar com os cidadãos; tem discussões com brilho sobre bastantes assuntos; dá conselhos e guia para o caminho espiritual, para o bem-estar daqueles que estão ao seu cuidado²¹³.

Montini viveu altos e baixos durante a sua vida²¹⁴. Em 1956, uma bomba caseira foi lançada através da janela do quarto do Arcebispo. A luz estava acesa, no entanto, Montini, nesse momento, não estava nessa repartição da habitação, e de certa forma recusou-se a culpar o comunismo na imprensa periódica²¹⁵.

Como servidor do único Espírito que nos orienta²¹⁶, em 1957, o Arcebispo Montini lançou uma missão para Milão: durante 3 semanas toda a Igreja brilhou com iluminação. Ocorreram procissões nas ruas e 1000 sacerdotes falaram de diversos lugares da metrópole dirigindo-se à participação dos diversos grupos populacionais²¹⁷.

O Papa Pio XII morre a 9 de outubro de 1958. Os cardeais reuniram em Conclave e ficou decidido que o Cardeal Angelo Roncalli, Arcebispo de Veneza, seria o Papa João XXIII²¹⁸. Consta que o Arcebispo Montini, antes de voltar para Milão, rezou junto à urna do Papa Pio XII, lembrando-o como um pai para ele. Montini manifestou preocupação²¹⁹.

O então novo Papa, no primeiro consistório, em dezembro de 1958, elevou o Arcebispo de Milão a Cardeal. Giovanni Battista Cardinal Montini voltou a Milão, continuou a trabalhar duro, construiu igrejas e seminários, e continuou a fazer diversas visitas, lidou com problemas sociais em termos de assistência e da imigração²²⁰.

Em 1959, o Arcebispo Montini visitou Brescia, a sua terra natal, quando ia a caminho de Concesio, para o trigésimo aniversário da Igreja de São Roque (em italiano San Rocco)²²¹.

²¹¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 225-227.

²¹² Cf. Rampon, *Paulo VI e Dom Helder Camara*, 92.

²¹³ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 217-223.

²¹⁴ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 15-93.

²¹⁵ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 231.

²¹⁶ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 77, 81, 83, 87.

²¹⁷ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 232.

²¹⁸ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 236.

²¹⁹ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 153-157.

²²⁰ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 237-38.

²²¹ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 239.

Montini tinha sido um defensor do Papa Pio XII, tornando-se também um defensor do sucessor, o Papa João XXIII, defendendo-os através da escrita²²².

Em 1962, o Arcebispo Montini tinha recebido relatos distorcidos sobre a prisão e julgamento de jovens estudantes na Espanha, que eram, segundo ele, jovens devotos da Ação Católica em apuros devido a um confronto com outros jovens²²³. A situação motivou Montini a contactar o primeiro-ministro de Espanha, Francisco Franco. Esclareceu a versão dos factos, e evitou uma sentença dos tribunais contra os jovens. O erro crasso de Espanha foi marcante na carreira de Montini²²⁴. Montini conseguiu uma comunicação eficaz, em contraste com quem o não conseguiu fazer, como os arcebispos de Espanha. Mais uma prova da bondade de Montini, de um comunicador, que conseguiu, através da mensagem, ser compreendido, tornando as suas palavras credíveis à luz de outros países.

2.4. Habemus Papam

O papa Paulo VI foi decidido e crente em toda a sua vida²²⁵. Ele foi um profeta que se tornou um acontecimento eclesial do século XX. O papa italiano Paulo VI, de 21 de junho de 1963 até ao seu falecimento, dia 6 de agosto de 1978, ocupou o cargo após a morte de João XXIII. O nome Paulo, escolhido por Montini, foi motivado pelo simbolismo da sua missão mundial renovada para propagar a mensagem de Cristo, com uma referência ao apóstolo evangelizador²²⁶.

Nos primeiros atos do pontificado, desejou evidenciar a continuidade com o predecessor, em particular, retomando o II Concílio do Vaticano, a 29 de setembro de 1963²²⁷. Guiou os trabalhos conciliares mediando-os, renovando-os e melhorando-os, até finalmente os concluir, a 8 de dezembro de 1965. Tinham sido, até àquele momento, precedidos (os trabalhos) pela recíproca revogação das excomunhões ocorridas em 1054, ao tempo do Papa Leão IX (viveu entre 1002 e 1054), que resultaram do conflito entre Roma e Constantinopla (aludimos ao chamado cisma com a Igreja do Oriente, ocasião em que a Igreja de Roma excomungou a de Constantinopla e esta a de Roma. Agora, essas

²²² Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 240-249; Cf. Adornato, *Pablo VI*, 72; Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 368, 383, 405-406; Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 86-87, 92, 97.

²²³ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 250.

²²⁴ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 251.

²²⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 830.

²²⁶ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 101-102.

²²⁷ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)».

excomunhões foram levantadas, resultado de um encontro entre o papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras, em Jerusalém)²²⁸.

Mariano convicto, em setembro de 1963, Montini, já Papa, entre as diversas ações que realizou, reuniu-se com centenas de congressistas marianos em Roma. Nessa altura, interrompeu as férias em Castel Gandolfo, e presidiu a uma Eucaristia na Igreja de Santo Inácio²²⁹.

Sua Santidade, como representante de Jesus Cristo, Pastor Universal zeloso pelo bem de todo o rebanho, incluiu na sua agenda as viagens apostólicas. Sublinhem-se as idas a Jerusalém (Israel), Bombaim ou Mumbai (na Índia) e Nova Iorque (Estados Unidos da América). Guitton²³⁰, um pensador em termos culturais e turísticos, ao relacionar as idas do Papa a países a um ‘chamariz’ da curiosidade, da profundidade da Fé, reforça o laço entre as três cidades (Jerusalém, Bombaim e Nova Iorque), abrangendo o passado, o presente e o futuro, com o desejo da paz humana²³¹. «Paulo VI nas artes é uma elegância»²³², apreciador de música²³³, das obras literárias²³⁴, apreciador dos jardins²³⁵, teve muitos amigos artistas²³⁶. Digamos que teve um papel importante na busca da Paz, como foi o caso da sua contribuição para a Conferência de Paz de Viena, de 1973. Ora, como já vimos, Paulo VI foi um dos primeiros papas a viajar por diversos países. Montini foi um dos primeiros papas a viajar para os Estados Unidos, tendo lá estado no ano de 1963²³⁷. Ele também visitou a Bélgica, França, Alemanha, Áustria, Holanda, Espanha, República Dominicana, Argentina, Índia, Japão, Filipinas, Turquia e México²³⁸. Visitou Portugal, tendo sido o primeiro Papa a vir a Fátima, em 1967²³⁹.

Entre os seus contributos, Paulo VI publicou, em 1964, a “Constituição Dogmática sobre a Igreja”²⁴⁰, um importante marco na história da Igreja Católica. Em 1965, Montini repôs em marcha o II Concílio do Vaticano, até à sua conclusão, concílio este que

²²⁸ Cf. L'Osservatore Romano, «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)».

²²⁹ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 457.

²³⁰ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 41, 116.

²³¹ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 41-42.

²³² Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 230.

²³³ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 124.

²³⁴ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 226.

²³⁵ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 333.

²³⁶ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 229-230.

²³⁷ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 499, 515, 573; Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 252-254.

²³⁸ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 101; Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 176-185; Cf. Cremona, *Pablo VI*, 247.

²³⁹ Cf. Agência Ecclesia, «Vaticano: Paulo VI, o primeiro Papa a visitar Fátima, morreu há 40 anos (c/vídeo)», 2018, acessado a 10 de outubro de 2023, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-paulo-vi-primeiro-papa-a-visitar-fatima-vai-ser-santo/>.

²⁴⁰ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 129-148.

modernizou a Igreja Católica, possibilitando aos fiéis participarem mais ativamente na liturgia²⁴¹. Durante o concílio, houve uma ampla discussão e debate sobre questões importantes, como o papel da Igreja na sociedade, a liberdade religiosa, a relação entre a Igreja e outras religiões, e a liturgia da Igreja²⁴². Como resultado, foram aprovadas 16 constituições, decretos e declarações, que revolucionaram a forma como a Igreja Católica se relaciona com o mundo e com os respetivos membros.

O II Concílio do Vaticano é considerado um momento importante na história da Igreja Católica, sendo um fator fundamental na renovação e na modernização da comunidade dos crentes. Ainda é objeto de debates e interpretações entre os católicos, mas é amplamente reconhecido como um momento de mudança significativa na Igreja²⁴³. Com efeito, há autores que consideram Paulo VI uma das figuras mais influentes da história recente da Igreja Católica Romana, em repercussões, ainda hoje, na Igreja Católica²⁴⁴.

Entre diversos acontecimentos ou atos, a 4 de novembro de 1963, o papa Paulo VI presidiu a uma cerimónia importante, a comemoração da instituição dos seminários decretada pelo Concílio de Trento²⁴⁵. Altura marcante para avivar a necessidade das vocações consagradas²⁴⁶, que pareciam estar em crise. A 26 de agosto de 1964, Paulo VI recordou as recomendações de Pio X e de Bento XV por causa do drama da Segunda Guerra Mundial, e a voz destes dois sucessores de Pedro, que pediram a Paz²⁴⁷.

Em 1964, o papa Paulo VI foi ao Congresso Eucarístico Internacional, que decorreu na Índia e, nessa altura, teve um desencontro com o governo português, liderado por Salazar, o qual tinha sido criticado pelo Papa. Essa tensão acalmou quando Paulo VI encerrou a terceira sessão do Concílio, e anunciou que iria viajar até Fátima, em 1967, celebrando os 50 anos das aparições de Fátima²⁴⁸.

A 12 de março de 1964, na festa de São Gregório Magno, Montini recordou o passado mais uma vez, referindo a sua vinculação à Universidade Gregoriana, quando

²⁴¹ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 190; Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 258.

²⁴² Consultar na bibliografia final: Demétrio Valentini, *Revisitar o Concílio Vaticano II* (São Paulo: Paulinas, 2013).

²⁴³ Cf. Barrett, *Shepherd of Mankind*, 248; Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 588.

²⁴⁴ Cf. Hebblethwaite, *Paul VI*, 728.

²⁴⁵ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 455.

²⁴⁶ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 124-125, 140-141.

²⁴⁷ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 332-340, 499-500.

²⁴⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 504.

jovem²⁴⁹, tempo que aproveitou, longe da família e amigos, para descobrir novos horizontes.

A 6 de agosto de 1964, publica a sua primeira encíclica, *Ecclesiam suam*, sobre os caminhos da Igreja²⁵⁰. E, passados dois anos, a 6 de agosto de 1966, publica a *Ecclesiae Sanctae*, para aplicação prática dos decretos conciliares sobre a função pastoral dos bispos, sobre o ministério e a vida dos presbíteros e a renovação da vida religiosa. Na sua última encíclica, *Evangelii Nuntiandi* (1975), Paulo VI alertou sobre a necessidade de evangelização eficaz e da promoção da evangelização²⁵¹. E, também incentivou os cristãos a usar as suas vocações e os talentos para o bem comum. No dizer de Hebblethwaite, o Papa conseguiu o truque mais difícil de todos: combinar abertura com fidelidade²⁵².

A cada dia 8 de setembro era celebrada (como aliás ainda hoje sucede) a festa do Nascimento de Maria, onde Paulo VI se reunia com os fiéis em oração na Praça de São Pedro. Neste dia, renovavam-se propósitos, devoções e fidelidades²⁵³.

Paulo VI tornou-se um Soberano Pontífice, humano, sensível, com uma forma especial de comunicar²⁵⁴. Como ser humano que foi, mostrou delicadeza, pela forma particular como comunicava²⁵⁵: revelou-se pela arte das expressões corporais, pelo olhar, o sorriso, o sinal de indulgência, de alegria e de distância, tirando partido de momentos de silêncio, quando necessário. Manuel Robles, padre e jornalista, confirma que Paulo VI foi um Papa discreto, sóbrio, contrário a grandes exibições e a palavras vazias²⁵⁶.

A vida de Paulo VI no Vaticano eleva-o como ser humano de uma enorme grandeza, cheia de consequências para a reforma e a renovação da Igreja, associada ao período pós-conciliar²⁵⁷, alargando as portas à modernidade que permanece no presente. Ora, há quem o considere um humano tímido, um intelectual pela cultura que aparentava ter, ativo e interiormente espiritual, que marcou a fundo a vida da Igreja para os tempos que vivemos. Estes factos podem ser comprovados na obra do Padre Robles, que procura as raízes lá bem longe, desde a infância de Montini. Com efeito, Robles apresenta uma série de episódios do ainda menino Montini, na sua relação com diversas pessoas da

²⁴⁹ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 524.

²⁵⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 558.

²⁵¹ Cf. Riccardi, *Juan Pablo II*, 624.

²⁵² Cf. Hebblethwaite, *Paul VI*, 731.

²⁵³ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 806.

²⁵⁴ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 15.

²⁵⁵ Cf. Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 17.

²⁵⁶ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 173-177.

²⁵⁷ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 185-196.

família, salientando a sua grandeza moral, espiritual e humana e as suas influências como personalidade de futuro Papa que viria a ser. Relata casos e facetas da infância e da juventude de Paulo VI: coisas aparentemente triviais, mas que revelam já a personalidade em causa²⁵⁸.

Ainda sobre a personalidade de Paulo VI, Adornato descreve-o como uma pessoa com cordialidade, coragem e condolência²⁵⁹. A autora justifica a cordialidade por ser um ser humano moderno. Descobre-lhe a coragem pela sua influência nos humanos quanto à verdade profética, à força, à alegria, à fé, à esperança e à caridade em Cristo; condolência, por decidir e coparticipar nas fadigas e nos dramas da humanidade em todo o mundo.

Montini concentrava as suas leituras em diversas obras de teólogos conhecidos, como Santo Agostinho, São Tomás, Karl Adam, Romano Guardini, Cordovani, Newman, Chesterton, Pascal, Gilson, Garrigou-Lagrange, Sertillanges. Na altura, procurava pensadores que abordassem o mundo moderno, mais propriamente os problemas que daí advinham²⁶⁰. Como Papa, Montini adotou uma abordagem mais progressista para a Igreja Católica, abordando questões como o ecumenismo, a liberdade religiosa e os direitos humanos. Também encorajou a integração de outras religiões e crenças, e fez a Igreja mais aberta às mudanças sociais. Paulo VI distingue-se pela dialética ou pela razão. Distingue-se por ser um comunicador da Fé, preparado desde o seio familiar, notável pelo «silêncio que segue a palavra»²⁶¹, o silêncio da compaixão sentido como gesto simbólico, ou do respeito, o amor inexprimível.

Em sua homenagem, existe um monumento, mais propriamente uma estátua no Santuário de Fátima, em Portugal (datada de 7 de março de 2015), da autoria do escultor Joaquim Correia, que assinala a sua peregrinação a Fátima, em 13 de maio de 1967.

Em dezembro de 1973, consta que Paulo VI, já não seria a primeira vez, como o já dissemos, incomodou o governo português, quando fez um discurso aos cardeais, a defender o direito dos povos à autodeterminação e à independência²⁶².

Sabemos que Paulo VI tinha uma relação especial com Espanha, um rosto eclesial que socialmente era reconhecido nesse país. A obra *La noche transfigurada: biografía de Pablo VI*, do sacerdote Eduardo de la Hera, é a prova disso, pois descreve, de forma cronológica, a vida e a obra deste Papa.

²⁵⁸ Cf. Robles, *Pablo VI, ese gran desconocido*, 237.

²⁵⁹ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 356, 360-361.

²⁶⁰ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 91-92.

²⁶¹ Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 56.

²⁶² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 553.

Constata-se que as últimas leituras de Paulo VI foram *Mi pequeño catecismo*²⁶³, um livro de um amigo francês, de nome Guitton²⁶⁴. O papa Paulo VI, Montini, morreu a 6 de agosto de 1978, sendo sucedido pelo Papa João Paulo I²⁶⁵. A sua saúde dava sinais de deterioração pouco a pouco; tinha artroses, que o agonizavam pela dor causada quando andava; a lucidez e a capacidade de trabalho iam diminuindo. O seu médico, Mário Fontana, tinha-lhe recomendado repouso²⁶⁶. Conta Buedo que, na manhã do dia 6, o Papa descansou um pouco e da parte da tarde ainda participou na Eucaristia, com a porta aberta da sua residência (sem, portanto, presidir ou concelebrar). Todavia, a ação pastoral dava sinais de estar prestes a terminar²⁶⁷. No final do dia, a respiração do Papa parecia de uma pessoa cansada; os olhos vidrados e opacos; já não conseguia dizer uma palavra, vindo a falecer pelas 21h30²⁶⁸. Nas suas horas finais esteve acompanhado por D. Pasquale Machi, seu secretário, que o convenceu a participar na Missa. Rampon já o tinha caracterizado como uma pessoa em quem a espiritualidade não era um acidente²⁶⁹. Ainda recebeu o sacramento da Eucaristia, conforme já o dissemos, dando já sinais de agravamento do seu estado de saúde, e rodeado por médicos que lhe deram assistência, medicando-o. O Papa partiu, em Castel Gandolfo, no Palácio Papal e, 10 minutos depois, o vice-diretor da sala da imprensa deu a nota à imprensa periódica²⁷⁰. Um dos seus biógrafos, Carlo Cremona, disse que terminou assim a sua tormenta²⁷¹. As cerimónias fúnebres realizaram-se, incluindo um desfile, passando na Basílica de São João de Latrão, em direção à Basílica de São Pedro, no Vaticano²⁷². O mesmo autor refere que no seu testamento deixara escrito: «Fixo o meu olhar no mistério da morte...»²⁷³.

Voltando ao tema do Santuário de Fátima, este local possui o Centro Pastoral Paulo VI, inaugurado a 13 de maio de 1982 pelo Papa São João Paulo II, tendo como utilidade o apoio ao estudo e a reflexão da Mensagem de Fátima, obra que foi projetada pelo arquiteto português José Carlos Loureiro.

²⁶³ Cf. Jean Guitton, *Mi pequeño catecismo: diálogo con un niño* (Barcelona: Editorial Herder, 1981).

²⁶⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 362-363.

²⁶⁵ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 363.

²⁶⁶ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 814-821.

²⁶⁷ Cf. Adornato, *Pablo VI*, 360-361.

²⁶⁸ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 823.

²⁶⁹ Cf. Rampon, *Paulo VI e Dom Helder Camara*, 64.

²⁷⁰ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 826.

²⁷¹ Cf. Cremona, *Pablo VI*, 320.

²⁷² Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 826-827.

²⁷³ Buedo, *La noche transfigurada*, 827.

O papa Paulo VI encontra-se sepultado na Basílica de São Pedro, na cidade do Vaticano. Viria a ser beatificado a 19 de outubro de 2014 no Vaticano pelo Papa Francisco e canonizado a 14 de outubro de 2018 pelo mesmo Papa. Como ser humano, revelou-se um dialogante e um pacificador, além de possuir um elevado grau de conhecimentos sobre arte, filosofia e ciências²⁷⁴.

De um modo geral, Paulo VI foi um grande defensor do magistério da Igreja Católica. Insistiu na importância de seguir as orientações e os ensinamentos da Igreja, ao mesmo tempo que incentivou os fiéis a obedecer às suas diretrizes para assim poderem viver uma vida de fé. Este compromisso com o magistério da Igreja foi refletido na encíclica “*Humanae Vitae*” (1968), que trata da vida familiar e da sexualidade cristã²⁷⁵.

Com a sua vida de serviço à humanidade, o papa Paulo VI deixou um legado profundo para a Igreja Católica. A sua dedicação ao magistério da Igreja e o seu compromisso com a paz e o desenvolvimento ajudaram a moldar a história da Igreja. Hoje, o seu legado continua a inspirar os fiéis.

Desta forma, em sua memória, a Igreja celebra, a 29 de maio, S. Paulo VI.

²⁷⁴ Cf. Buedo, *La noche transfigurada*, 832.

²⁷⁵ Cf. Cremona, *Pablo VI*, 184.

CAPÍTULO 3: AS DOZE MENSAGENS PARA O DIA MUNDIAL DAS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, DE 1967 A 1978

As grandes mensagens do papa Paulo VI²⁷⁶ são alusivas a alguma celebração, como o Dia Mundial do Migrante, Dia Mundial das Missões, Dia Mundial do Doente, Dia Mundial de Oração pelas Vocações, Dia Mundial das Comunicações Sociais, Mensagens para a Quaresma e Dia Mundial da Paz. Uma evidência é o apostolado da Igreja com e através da comunicação social. O Dia Mundial das Comunicações Sociais é uma celebração estabelecida pelo II Concílio do Vaticano, no decreto “*Inter Mirifica*”, de 1963. Assinala-se, em cada ano, no domingo antes do Pentecostes, sendo que, em 2022, se realizou no dia 29 de maio.

O papa Paulo VI, durante doze anos, preparou, em cada ano, uma mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. Este Papa destacou-se como grande líder religioso, defendendo a dignidade humana e os direitos humanos. Neste seguimento, as mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais foram fundamentais para a Igreja Católica, pois têm como horizonte a promoção dos direitos humanos no mundo inteiro. As grandes mensagens de Paulo VI também retratam os temas de algumas das encíclicas: “*Populorum progressio*” (1967), traduzida em sete idiomas, “*Humanae Vitae*” (1968), traduzida em dez idiomas, e “*Octogesima Adveniens*” (1971). Depois de traduzidas em diversos idiomas, são publicadas pelo Papa e distribuídas em todo o mundo para serem lidas e estudadas pela comunidade católica e outros interessados.

Com efeito, as encíclicas são fundamentais na promoção da dignidade humana, na defesa dos direitos humanos e na luta pela justiça social. As encíclicas abordam uma variedade de temas, desde questões teológicas e doutrinárias até questões sociais, políticas e ambientais. Estes documentos ajudam a orientar os católicos e a fornecer diretrizes morais e éticas sobre questões contemporâneas. Por isso, as encíclicas podem ser usadas como fonte de informação, de ensino e orientação para os fiéis, padres, bispos e teólogos. É importante notar que as encíclicas são escritas com o título em latim, que, geralmente, corresponde às primeiras palavras do documento.

Paulo VI deu grande ênfase à educação, às questões económicas, às relações entre a Igreja e o Estado, à ecologia e às questões internacionais. Também emanou importantes documentos sobre a liberdade religiosa e o respeito pelos direitos humanos.

²⁷⁶ Paulo VI, «Mensagens», acedido a 1 de março de 2024, <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages.html>.

A vontade humana de comunicar abre caminho para a informação, a cultura e a aprendizagem. Entre os diversos meios de comunicação, salientamos aqueles que envolvem não só o ser individual, mas multidões e a sociedade em geral, como a imprensa periódica, o cinema, a rádio, a televisão (cf. IM 1), independentemente dos formatos que difundem as mensagens. Os envolvidos no bom uso dos meios de comunicação social são: jornalistas, escritores, atores, produtores, realizadores, exibidores, distribuidores, empresários e vendedores, críticos, e todos os restantes que direta ou indiretamente intervêm na difusão das comunicações, incluindo as autoridades civis. Desta maneira, à medida que se dá voz às pessoas, a investigação deixa de ser sobre elas, mas, sim, com elas²⁷⁷.

O termo comunicação vem do latim «*communis*», comum, dando a ideia de comunhão, comunidade através do intercâmbio das informações²⁷⁸. O sentido da comunicação é o da relação entre seres humanos. Por este motivo distingue-se do conceito informação, que é a transmissão de saber, enquanto a comunicação é a partilha de experiências de vida²⁷⁹. Neste sentido, podemos afirmar que a comunicação é a força motriz da cooperação humana²⁸⁰. Já o conceito de comunicação social, que é o mesmo que media, é um pleonasma porque, por definição, a comunicação é de natureza social. Há quem defenda que a generalização dos meios de comunicação social se deve tanto ao Estado como às instituições religiosas e humanitárias, justificando o facto com o intuito de orientar o funcionamento dos media para os valores que essas instituições defendem; caso contrário, promovem a censura das mensagens²⁸¹. Ora, cabe aqui perfeitamente o conceito de propaganda, que tem como papel principal a informação de forma persuasiva e influenciadora²⁸². De forma a clarificar, a propaganda é descrita como uma forma de agir com procedimentos intencionais, destinados a persuadir, a fazer crer ou agir uma pessoa ou um grupo de pessoas num determinado sentido²⁸³. Estes podem ser de retórica ou de distorção dos factos, na promoção de informações erróneas ou censura. As mensagens de propaganda podem ser de diversos tipos: políticas, religiosas, económicas

²⁷⁷ Cf. Cristina Maria Coimbra Vieira, «A investigação participativa: Algumas considerações em torno desta metodologia qualitativa», *Investigação em educação: Abordagens conceptuais e práticas* (2004): 59-76.

²⁷⁸ Cf. José Marques de Melo, *Comunicação social: teoria e pesquisa*, 2.^a Edição, vol. 1 (São Paulo: Editora Vozes, 1971), 12.

²⁷⁹ Cf. Adriano Duarte Rodrigues, *Dicionário breve da informação e da comunicação* (Lisboa: Editorial Presença, 2000), 40.

²⁸⁰ Cf. Melo, *Comunicação social: teoria e pesquisa*, 13.

²⁸¹ Cf. Rodrigues, *Dicionário breve da informação e da comunicação*, 44.

²⁸² Cf. Melo, *Comunicação social: teoria e pesquisa*, 15.

²⁸³ Cf. Rodrigues, *Dicionário breve da informação e da comunicação*, 48.

ou culturais. Perante isto, a formação da opinião pública torna-se de extrema complexidade, o que exige a opinião crítica que iremos desenvolver no decorrer deste trabalho²⁸⁴.

Os três conceitos, a comunicação, a comunicação social e a propaganda, encaixam todos na teoria da comunicação²⁸⁵, que é o estudo sistemático dos processos de interação, por mensagens entre os seres humanos e indiretamente com meios de comunicação social, como, por exemplo, o telefone, a rádio e a televisão. No *Dicionário breve da informação e da comunicação*, chama-se a atenção para não confundirmos a teoria da comunicação com a teoria da informação, sendo esta última dominada por ideologias nas sociedades sociais, podendo levar a uma interpretação mecanicista dos processos de comunicação. A ética e a moral configuram uma questão fundamental: o que é que devo fazer? É a liberdade de procurarmos uma melhor resposta²⁸⁶ com base em argumentos e existe reflexão quanto à descodificação das mensagens da comunicação social.

Tecidos os necessários comentários, voltemo-nos agora para as doze mensagens do papa Paulo VI. As doze Mensagens do Dia Mundial das Comunicações Sociais estão sintetizadas na Tabela 1. As mensagens divergem umas das outras quanto ao número de parágrafos e ao número de palavras do corpo de texto; sendo que a mensagem mais longa foi a do ano 1978, com 1420 palavras, e a mensagem mais curta foi a do ano 1974, com 793 palavras.

²⁸⁴ Cf. João Pissarra Esteves, *A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998), 24.

²⁸⁵ Cf. Rodrigues, *Dicionário breve da informação e da comunicação*, 38-56.

²⁸⁶ Cf. Esteves, *A ética da comunicação e os media modernos*, 61.

Tabela 1 – As Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, do papa Paulo VI.

Dia Mundial das Comunicações Sociais	Ano	Mensagem	Palavras do texto (n.º)
I	1967	Os meios de comunicação social	1310
II	1968	A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos	884
III	1969	Comunicações sociais e família	913
IV	1970	As comunicações sociais e a juventude	962
V	1971	Os meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens	1076
VI	1972	As comunicações sociais a serviço da vida	1356
VII	1973	As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais	1248
VIII	1974	As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo	793
IX	1975	Comunicação social e reconciliação	1334
X	1976	As comunicações sociais diante dos direitos e deveres fundamentais do homem	1601
XI	1977	A publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades	1304
XII	1978	O recetor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres	1420

Fonte: Elaboração própria²⁸⁷.

Tendo em consideração as doze mensagens do Dia das Comunicações Sociais, do papa Paulo VI, neste capítulo III tem-se como propósito fazer uma análise literal às mensagens, isto é, uma recensão crítica. A análise prossegue considerando o significado de cada uma das mensagens no processo de mediatização da Igreja Católica. O Papa diversificou o sentido de cada mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais. No primeiro ano, dirigiu-se mais aos próprios meios de comunicação social; nos anos seguintes diversificou, especificou alguns desses meios de comunicação, relacionou as questões sociais e a família, a juventude, a unidade, os valores espirituais, a evangelização, reconciliação, os direitos e deveres fundamentais, a publicidade nas

²⁸⁷ Paulo VI, «Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais», acessido a 1 de março de 2024, <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications.index.html>.

comunicações e o recetor da comunicação social. Ora, no passo seguinte, vamos analisar cada uma dessas mensagens.

3.1. Os meios de comunicação social – 1967

O Dia Mundial das Comunicações Sociais, celebrado em 1967, ocorreu no domingo 7 de maio. A mensagem desse I Dia Mundial das Comunicações Sociais, escrita pelo papa Paulo VI, tem o título “Os meios de comunicação social”²⁸⁸. O papa Paulo VI destacou a importância das comunicações sociais como meio de promover a unidade entre os povos, que pode ser por meio das orações²⁸⁹. Disse que as comunicações sociais, bem utilizadas, constituem uma força para a união, a Paz e o progresso. E ressaltou que as comunicações sociais são um meio poderoso para promover a compreensão e a harmonia entre os povos, ajudando a construir um mundo melhor, referindo a palavra “mundo” quatro vezes²⁹⁰. O papa Paulo VI chamou também a atenção para a responsabilidade dos profissionais de comunicação de servirem a verdade, sempre tratando de assuntos com interesse público, em vez de serem meros veículos de interesses privados, questão abordada praticamente em todos os parágrafos²⁹¹. Instou os provedores de serviços de comunicação a promoverem a ética no exercício da profissão.

Na mensagem desse ano (1967), o Papa abordou a importância dos meios de comunicação social, como a imprensa, rádio, televisão e cinema, e destacou o papel fundamental que desempenham na disseminação da verdade e da informação. O papa Paulo VI reforçou a responsabilidade dos profissionais dos meios de comunicação em fornecer informações precisas e verídicas, bem como em promover os valores éticos e morais na sociedade. Esta mensagem foi escrita numa época em que os meios de comunicação estavam a ficar cada vez mais influentes na sociedade, e o Papa reconheceu o poder que tinham para moldar a opinião pública e influenciar a cultura. Portanto, a mensagem de 1967 foi um apelo à responsabilidade e à integridade na utilização dos meios de comunicação social.

²⁸⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações sociais 1967», acessado a 2 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html.

²⁸⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações sociais 1967», par. 16.

²⁹⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações sociais 1967», par. 3, 9, 12, 15.

²⁹¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações sociais 1967», par. 1-17.

Esta mensagem do I Dia Mundial das Comunicações Sociais é um documento importante, continuando a ser relevante nos dias de hoje, à medida que os desafios e oportunidades dos meios de comunicação social evoluem. Ora, a comunicação social deve ser uma ferramenta para a verdadeira compreensão mútua. Por isso mesmo é que a mensagem do Papa é consagrada à comunicação de massas.

A comunicação social é, sem dúvida alguma, um instrumento da humanidade que contribui para cultivar o espírito e para propagar e afirmar o reino de Deus. Esta relevância global da comunicação da Igreja para o progresso humano leva, também, a alguma atenção e ao dever de ocupar-se com as questões respeitantes à comunicação social. Além disso, a comunicação social é imprescindível para a divulgação de todo o tipo de obras da Igreja, contribuindo, com isso, para o bem comum e o progresso da humanidade (cf. IM 5). O direito à informação exige que esta seja objetiva e verdadeira (cf. IM 5), que respeite as leis morais do ser humano, direitos e dignidade. O II Concílio do Vaticano reclama isso, nas suas mensagens dirigidas aos cristãos.

Notamos as preocupações com a comunicação social, nomeadamente com a estruturação das mensagens a passar para os cidadãos, com o tempo oportuno para transmitir, a altura do ano, ou até mesmo a hora do dia. Tudo isto nos fala da forma como a opinião pública exerce influência em todas as ordens na vida social, isto é, como interage na vida quotidiana.

Como temos vindo a referir, os meios de comunicação social, mesmo quando a mensagem é dirigida a grupos sociais específicos, não deixam de influenciar a sociedade, pelo menos na formulação de opiniões. Ora, por aqui facilmente vemos que a Igreja tem à sua disposição um ótimo meio para fomentar o amor, a partilha e a união, a harmonia.

3.2. A imprensa, o rádio, a televisão e o cinema para o progresso dos povos – 1968

Em 1968, o Vaticano voltou a expor os seus ideais e a alimentar o sonho do progresso social dos povos. As primeiras palavras da mensagem do dia mundial dedicado aos meios de comunicação social foram o convite aos católicos para festejar esse dia²⁹². No primeiro parágrafo, e segundo quanto escreveu o papa Paulo VI, a imprensa, o cinema, o rádio e a televisão aparecem como progresso social, abrindo a novos horizontes e, por

²⁹² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 2, acedido a 5 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19680326_ii-com-day.html.

isso mesmo, têm grande responsabilidade²⁹³, pois a comunicação social tem impacto a nível mundial.

De seguida, o Papa faz sobressair o conceito de progresso. Enriquece as suas palavras quando invoca o número 14 da encíclica *Populorum progressio*: «o desenvolvimento, para ser autêntico, deve ser integral, elevar cada homem e o homem por inteiro»²⁹⁴. Louva o desenvolvimento quando este se orienta para o benefício de toda a humanidade, quando o progresso técnico evita desigualdades e promove o bem comum – são estas as palavras ouvidas com muita atenção pela Igreja. O progresso é uma das preocupações do Papa, defendendo que os pobres ou os menos desenvolvidos precisam de auxílio, para que possam progredir por si próprios, realçando que a solidariedade humana do cristão é a prioridade. Os mais pobres não podem ser abandonados pelo desenvolvimento ou pelo progresso, mas sim integrados e apoiados pela solidariedade de todos os cristãos. Já nesta altura, lemos nas palavras do Papa a preocupação de prevenir o perigo do abandono ou esquecimento dos mais desfavorecidos. Apela à colaboração fraterna e à união entre irmãos na Igreja.

Da mesma forma, a mensagem alarga os horizontes aos responsáveis pela imprensa, pelo rádio, pelo cinema, pela televisão, por saber que a difusão destes meios de comunicação começava a ocupar um papel preponderante na comunicação de massas²⁹⁵. Ora, a «tomada de consciência» dessa preponderância continua atual nas sociedades contemporâneas. A preocupação com a humanização da mensagem nas comunicações sociais transparece nas palavras do Papa.

Além disso, o Santo Padre aceita um nacionalismo sem soberba, que ajuda a descobrir os talentos materiais, intelectuais e espirituais do povo, em benefício de todos os povos²⁹⁶. Tudo é da criação de Deus, a valorizar em benefício da humanidade inteira.

Posteriormente, a mensagem refere novamente a encíclica *Populorum progressio*, pelo número 32, sobressaindo o termo “inovação”²⁹⁷. E no texto acrescenta: perante injustiças, situações intoleráveis, necessidades urgentes, importa abrir caminho a

²⁹³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 1.

²⁹⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 2.

²⁹⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 3.

²⁹⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 4.

²⁹⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 5.

«transformações audazes, profundamente inovadoras»²⁹⁸, a «reformas urgentes que devem ser iniciadas sem demora»²⁹⁹.

O Papa relembra que muitos seres humanos se encontram na pobreza, principalmente limitados no acesso à alimentação, educação e «luz espiritual»³⁰⁰. Nota-se a preocupação do papa Paulo VI em que os meios de comunicação não agravem essa situação, servindo para «reforçar os egoísmos pessoais e coletivos», ou para «criar nos consumidores, já saturados, novas pseudonecessidades»³⁰¹. Isto é contrário aos apelos de uma humanidade mais cooperativa, mais de ajuda mútua, capaz de promover iniciativas de Paz, e dotada de esperança.

Pela terceira vez, invoca-se o texto da encíclica *Populorum progressio*, através do número 20, pelo que se diz que o que se pretende com o desenvolvimento é a melhoria das condições humanas³⁰². Na realidade, esta ideia comprova o que o papa Paulo VI escreveu nos anteriores parágrafos da mensagem anual do Dia das Comunicações Sociais. Na comum filiação divina, radica a fraternidade a que todos os humanos são chamados. Deus é fonte e termo de todos os valores. O progresso dos povos está na elevação e na vontade de Paz, justiça, para que a Igreja de Cristo tem contribuído ao longo de toda a história. Termina a mensagem: «é este futuro que vos convidamos a construir generosamente. E com estes sentimentos, de coração, vos abençoamos»³⁰³. Deus está acima de tudo, e o ser humano sem espiritualidade não tem progresso, antes, atrasa o desenvolvimento da humanidade.

O papa Paulo VI mostrava-se conhecedor da comunicação social. Mostrando que entendia o que estava a acontecer, e, como líder da Igreja, aproveitou o momento para definir muito bem as balizas do desenvolvimento e do progresso. O desenvolvimento é o processo histórico dos direitos humanos, e o progresso é o avanço do conhecimento, que pode ser visto como ideal, mas com cautela, para não prejudicar os mais pobres. Já se afirmou que «o significado de desenvolvimento também sofreu uma transformação

²⁹⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 5.

²⁹⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 5.

³⁰⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 7.

³⁰¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 7, 1.

³⁰² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 8.

³⁰³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968», par. 9.

notável ao longo da história, desde o conceito iluminista de “progresso” até abranger uma grande variedade de necessidades humanas»³⁰⁴. O desenvolvimento e a cultura têm formas sensíveis. As inovações devem ser avaliadas na perspectiva do bem geral³⁰⁵. De certa forma, a globalização favorece as inovações. O bem-estar público está fortemente relacionado com o bem-estar espiritual, o desenvolvimento, o progresso e a inovação, desde que as condições de integração dos mais desfavorecidos sejam consideradas.

Nas orações, Paulo VI pede ao Senhor que a Fé humana seja, livre, segura, forte, dinâmica, humilde. À semelhança das diversas mensagens do Papa, a mensagem de Paulo VI para o II Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 1968, foi uma relevante contribuição à discussão sobre a responsabilidade dos meios de comunicação, especificando a imprensa, a rádio, a televisão e o cinema, na construção de uma sociedade mais justa e humana. O Papa destacou a importância dos meios de comunicação para a vida humana moderna, enaltecendo o seu papel na formação das consciências, na educação das gerações mais novas, na promoção da Paz e na eliminação do ódio.

Nesse ano, o Papa também destacou a necessidade de serem tomadas medidas para garantir que os meios de comunicação sejam usados de forma responsável, evitando-se a manipulação (propaganda) das notícias e a exploração dos pobres. Lembrou que os meios de comunicação podem servir tanto para o bem quanto para o mal, e assim os profissionais responsáveis devem estar atentos para ajudar os seres humanos a enfrentar os problemas de uma maneira construtiva.

Por fim, o Papa destacou que os meios de comunicação devem ser usados para trazer luz ao mundo, ajudando a promover o conhecimento, a compreensão mútua e o amor entre os povos, para a construção de uma sociedade mais justa e humana.

3.3. Comunicações sociais e família – 1969

A mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Mundiais, celebrado pela terceira vez pelo papa Paulo VI, tem como título “Comunicações sociais e família”³⁰⁶. O Papa inicia a sua mensagem dirigindo-se aos «filhos e irmãos, e vós todos, homens de

³⁰⁴ Dhammika Herath, «The Discourse of Development: has it reached maturity?», *Third World Quarterly* 30, n.º 8 (2009): 1449, <https://doi.org/10.1080/01436590903279216>.

³⁰⁵ Eric Muraille, «Ethical control of innovation in a globalized and liberal world: Is good science still science?», *Endeavour* 43, n.º 4 (1 de dezembro de 2019): 19, <https://doi.org/10.1016/j.endeavour.2020.100709>.

³⁰⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», acessado a 8 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19690407_iii-com-day.html.

boa vontade!»³⁰⁷. De seguida, faz o convite a todos os fiéis a uma reflexão positiva sobre o fenómeno universal da imprensa em difusão crescente e enaltece todos os participantes, interrogando sobre a influência que a imprensa exerce nas famílias³⁰⁸.

A resposta à interrogação vem descrita no terceiro parágrafo³⁰⁹:

«os meios de comunicação social penetram já até no coração da vida familiar, impõem-lhe os seus horários, modificam costumes, oferecem abundantes assuntos de conversação e de discussão, sobretudo têm uma incidência, por vezes profunda, sob o aspeto tanto afetivo e intelectual, como sob o aspeto moral e religioso...».

O papa Paulo VI tem consciência de que a imprensa exerce influência no comportamento dos humanos, pelas palavras, as imagens e os sons. O Papa fez questão de registar o poder da imprensa, e a qualidade das ferramentas tecnológicas de que na altura já se dispunha para difundir mensagens mundialmente.

Ora, o Papa tinha referido que a reflexão sobre os meios de comunicação social era positiva e construtiva. Como aspetos positivos dos media, destacou a evolução intelectual dos jovens, o enriquecimento do património cultural, mais abertura para os problemas humanos, para a Paz, a justiça, e o desenvolvimento³¹⁰. No entanto, no mesmo parágrafo, o terceiro³¹¹, fez questão de destacar os aspetos negativos: a capacidade de persuasão destes meios de comunicação pode coagir à prática do mal, o abuso, a destruição paulatina dos valores da vida familiar, provocando o efeito de isolar as pessoas em vez de uni-las. Um dos problemas gerados pelo fenómeno da imprensa e que se está a repercutir hoje, em larga escala, é o abandono dos idosos pelos mais novos, numa sociedade que permanece envelhecida. Ou talvez falhou! As tarefas tradicionais dos educadores têm de ser repensadas para formar nas consciências a convicção de que a ligação entre os seres humanos tem de se manter fortificada e não cada vez mais desligada. Os elos, mesmo no seio das famílias, parecem estar a romper-se, sendo um dos motivos o papel desvirtuado da imprensa.

³⁰⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 1.

³⁰⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 2.

³⁰⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 3.

³¹⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 3.

³¹¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 3.

O Papa dá resposta ao problema identificado anteriormente: «este trabalho educativo não é suficiente; é imperativo ainda estabelecer um diálogo permanente entre as famílias e os responsáveis pela comunicação social»³¹². Mais ainda:

«É necessário, então, formar as consciências para um uso inteligente dessas fontes de riquezas culturais, exigindo decisivamente o estudo de um novo capítulo nas tarefas tradicionais dos educadores. Chegou a hora, para a família, de enfrentar a obra de sua atualização sobre este tema enquanto, com a colaboração indispensável da escola, deve preocupar-se em educar as consciências para que todos estejam aptos a emitir juízos serenos e objetivos que deverão, depois, determinar a escolha ou a recusa dos programas propostos»³¹³.

Dirigindo-se aos produtores das comunicações sociais, o papa Paulo VI identifica como aspetos positivos para as famílias a estabilidade, o equilíbrio e a felicidade. Por sua vez, como aspetos negativos, aponta a ofensa aos valores fundamentais da família, como o erotismo ou a violência, o fomento do divórcio ou de atitudes antissociais dos jovens. Dá destaque aos «valores muitas vezes ignorados ou desprezados e que representam a força e a glória da sociedade»³¹⁴. O Papa prova na sua mensagem que está atento, prevê alguns problemas futuros, de ofensa aos valores fundamentais e, por esse motivo, alerta nas suas palavras para o bom senso e para a responsabilidade dos produtores.

Paulo VI pede às famílias que formem grupos de diálogo³¹⁵, colaborem com as associações que dialogam com os responsáveis pelas comunicações sociais, tornando-se mais fortes, e que, em conjunto, se pronunciem quando as comunicações sociais passarem mensagens que podem deturpar os valores fundamentais das famílias.

Por isso, o papa Paulo VI é claro ao escrever que é bom que os cristãos trabalhem e marquem presença nas comunicações³¹⁶. Os cristãos podem ter como profissão o jornalismo, ou outra atividade nos meios de comunicação social, como atores, diretores. O papa diz mesmo: «Graças a Deus, no mundo das comunicações sociais, como em qualquer outro lugar, florescem exemplos luminosos de vida moral, pessoal, familiar, e

³¹² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 4.

³¹³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 4, 5.

³¹⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 6.

³¹⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 7.

³¹⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 8.

não faltam jornalistas, atores, diretores que vivem a própria fé em Deus no exercício sereno consciencioso da própria profissão»³¹⁷.

Por fim, o Papa utiliza a mesma metodologia, moldando a mensagem sempre com duas faces, positivo *versus* negativo; bem *versus* mal – ou seja, se há um lado positivo ou o do bem, também há o lado negativo ou do mal. Acrescenta o conceito da influência das comunicações sociais sobre as famílias, que tende a aumentar³¹⁸. O parágrafo termina com o desejo da felicidade nas famílias.

Neste ano de 1969, a mensagem do dia das comunicações sociais foi datada de sete de abril. O papa Paulo VI transmitiu uma mensagem de esperança e compromisso. Na altura, incentivou os cristãos a usarem os meios de comunicação para ajudar a construir uma sociedade justa e pacífica. Reforçou a ideia de que os meios de comunicação devem ser usados para promover a verdade e a justiça, para partilhar conhecimentos, para defender a dignidade humana e para construir pontes entre as pessoas de todas as culturas e religiões. Nesse seguimento, pediu que os meios de comunicação fossem usados para promover o diálogo, o respeito mútuo e o entendimento entre as pessoas. Realçou que os meios de comunicação têm o dever de ajudar a construir um mundo melhor, mais humano, mais fraterno e mais solidário.

3.4. As comunicações sociais e a juventude – 1970

O papa Paulo VI escreve a quarta mensagem do Dia Mundial das Comunicações Sociais, destacando, nesse ano, “as comunicações sociais e a juventude”. Abre a mensagem com especial referência aos jovens de todo o mundo³¹⁹.

Os meios de comunicação social ajudam ao crescimento dos jovens, informando-os, formando-os, ensinando-os a descobrir os verdadeiros problemas do mundo³²⁰. Mais do que isso, os jovens de hoje são quem irá construir e tomar decisões no futuro³²¹. Neste

³¹⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 8.

³¹⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969», par. 9.

³¹⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 1-2, acedido a 12 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19700406_iv-com-day.html.

³²⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 3.

³²¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 4-5.

sentido, o papa lança uma inquietante questão: que juventude teremos amanhã, neste universo preparado hoje?

Seguidamente, o papa Paulo VI escreveu que as relações, isto é, os laços da comunicação, na família, Igreja, escola, grupos culturais, parecem fraquejar com a entrada em força da imprensa periódica, o rádio, o cinema, a televisão. Surgem hoje novas formas «...e novas fontes de cultura, com uma vigorosa capacidade própria de influenciar tanto a sensibilidade quanto a inteligência, deixando para trás de si um longo eco feito de imagens e de ideias geradas pelas luzes e pelos sons»³²².

Novamente, na mensagem do ano 1970, Paulo VI cita o número 14 da sua carta encíclica *Populorum progressio* para lembrar que os fins da comunicação social devem ser para servir o ser humano, não a exploração de consumidores jovens e crianças³²³. Como provas do mal, escreveu que as crianças e os jovens «podem ser conduzidos aos caminhos do erotismo e da violência, ou pelas estradas perigosas da incerteza, da ansiedade e da angústia»³²⁴.

A educação é essencial, tanto que o ano de 1970 é memorável, uma vez que é o ano mundial da educação, celebrando-se o seu 202.º aniversário, proposto pelas Nações Unidas³²⁵. A prova de que o Papa se preocupa com a educação dos mais novos é clara: «e ainda permitem que jovens tenham acesso a uma cultura qualificada, que provem o gosto dos valores autênticos da fraternidade, da paz, da justiça, do bem comum»³²⁶. De seguida, Paulo VI escreveu que, para que os jovens se identifiquem no mundo vivenciado, «sejam eles mesmos», se sintam realizados, não podem viver da ilusão das fascinantes imagens transmitidas pelas comunicações sociais³²⁷.

Volta a citar a encíclica *Populorum progressio*, n. 21, reforçando que os jovens são «filhos da vida do Deus vivo, Pai de todos os homens»³²⁸. Quer dizer que os jovens

³²² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 6.

³²³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 7.

³²⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 7.

³²⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 8.

³²⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 8.

³²⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 9.

³²⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 10.

têm de viver a vida em comunidade, convivendo, recebendo educação dos mestres, estando em união com todos e com Deus.

Para terminar, o papa Paulo VI aproveita para reforçar o papel dos sacerdotes, religiosos e leigos, tendo a responsabilidade de educar os jovens para viver com alegria. Apela à oração. Conclui a mensagem e faz um pedido: «pais, educadores, produtores, autores e recetores dos meios de comunicação social saibam tirar proveito deste Dia Mundial que lhes é dedicado...», maximizando o bem da juventude³²⁹.

Assim, esta mensagem é pertinente ao reconhecer o papel crucial dos media na formação dos jovens e a necessidade de conteúdos educativos e inspiradores, pelo que se concentrou na relação entre a juventude e os meios de comunicação, enfatizando a necessidade de programas educativos e conteúdos que promovessem o desenvolvimento moral e intelectual dos jovens.

3.5. Os meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens – 1971

A quinta mensagem do papa Paulo VI sobre o Dia Mundial das Comunicações sociais aconteceu em 1971, e foca-se nos “meios de comunicação social a serviço da unidade dos homens”. À semelhança das anteriores mensagens, o Papa inicia dirigindo-se a todos: «irmãos e filhos e vós todos, homens de boa vontade»³³⁰.

O Papa refere que é necessário existir mais unidade na família, torná-la mais humana e mais solidária em todos os momentos, como quando estamos perante calamidades naturais³³¹. Na comunicação, o ato das relações humanas alarga o círculo de contactos, gera colaborações económicas, políticas, culturais. O Papa cita a encíclica *Populorum progressio*, e mostra-se apreciador da família humana universal.

Desta forma, a mensagem destaca a convicção cristã de que todos os humanos são chamados a formar uma única família, baseada na imagem de Deus e no objetivo comum de alcançar uma enorme família. Paulo VI enfatiza a solidariedade reforçada em Cristo, que, através da sua cruz e ressurreição, reconciliou os povos com Deus e espalhou o Espírito de caridade, chamando os seres humanos a formar um só povo, um só corpo.

³²⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970», par. 11, 12, 13.

³³⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 1, acedido a 17 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19710325_v-com-day.html.

³³¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 3.

Nesta linha, a Igreja é vista como um sinal profético de unidade e paz, mesmo enfrentando tensões e divisões internas³³².

O Papa levanta a questão de como os meios de comunicação podem promover a unidade e a fraternidade num mundo marcado por problemas de dimensão planetária³³³. Alerta para a tentação de usar esses meios para agravar tensões e divisões, criando fossos perigosos que se traduzem em atos de violência e guerra³³⁴. A tarefa dos meios de comunicação não é minimizar ou silenciar esses conflitos. Pelo contrário, é trazer à luz todos os aspetos da realidade, promovendo um conhecimento mais profundo e objetivo³³⁵.

Apesar dos perigos, Paulo VI destaca as imensas possibilidades dos meios de comunicação para aumentar a consciência dos verdadeiros problemas globais, ajudar os seres humanos a se conhecerem melhor e valorizar as suas diversidades legítimas³³⁶. Logo, o Papa olha os media como um meio de superar barreiras através da compreensão e do amor, promovendo a solidariedade efetiva e a procura do bem comum da comunidade humana³³⁷.

O Papa exorta os artífices e usuários dos meios de comunicação a unir esforços para promover um verdadeiro diálogo, afastando tudo o que atrapalha a comunicação honesta e construtiva. Destaca a importância de combater a incompreensão, o ódio e tudo que impede a paz e a fraternidade, enfatizando a necessidade de procurar a verdade na liberdade³³⁸.

Dirigindo-se especialmente aos cristãos, Paulo VI pede reflexão, oração e ação audaciosa no uso dos meios de comunicação, para que possam construir um mundo de irmãos e filhos de Deus³³⁹. Reconhece, efetivamente, a complexidade do cenário

³³² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 5.

³³³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 6.

³³⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 9.

³³⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 8.

³³⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 11.

³³⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 11.

³³⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 13.

³³⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 2.

mediático, ao mesmo tempo que insiste na necessidade de usar esses meios com competência e zelo para promover a unidade e o amor fraterno³⁴⁰.

Citando um discurso anterior, o Papa reitera a necessidade de dominar as forças desagregadoras para construir a «cidade dos homens», fundamentada no amor fraterno entre raças, povos, classes e gerações³⁴¹. Neste sentido, vê os meios de comunicação como um caminho privilegiado para alcançar essa aspiração, desde que usados de maneira responsável e ética³⁴².

Concluindo a mensagem, Paulo VI concede uma grande bênção apostólica a todos os que se empenham em realizar a aspiração de unidade e fraternidade conforme os desígnios de Deus, utilizando os meios de comunicação social para promover esses valores: «entre tantos fios cruzados e tão frequentemente emaranhados, vós possais desvencilhar a trama e tecer um mundo de irmãos e filhos de Deus»³⁴³.

3.6. As comunicações sociais a serviço da vida – 1972

O papa Paulo VI abre a sua sexta mensagem destacando o tema central: “As comunicações sociais a serviço da vida”. Primeiramente, salienta como os meios de comunicação social influenciam as atitudes, os juízos e as decisões dos indivíduos, proporcionando um fluxo contínuo de informação que desafia a capacidade de discernir a verdade³⁴⁴.

O Papa sublinha que cada facto possui uma verdade multifacetada, que só pode ser apreendida através do esforço conjunto e sincero entre comunicadores e recetores. Desta forma, enfatiza a responsabilidade dos comunicadores em não apenas relatar os factos, mas também fornecer o contexto, o enquadramento e a explicação, comparando esta tarefa a uma «pesquisa científica» que exige rigor e dedicação³⁴⁵.

³⁴⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 14.

³⁴¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 14.

³⁴² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 13, 14.

³⁴³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971», par. 14.

³⁴⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 2, 3, 4, acedido a 22 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19720421_vi-com-day.html.

³⁴⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 5.

Paulo VI aborda a particularidade da informação religiosa, afirmando que esta não pode ser adequadamente compreendida apenas pelas suas dimensões humanas e sociais. Destaca a necessidade de reconhecer a dimensão espiritual dos acontecimentos religiosos, que só pode ser plenamente entendida à luz da fé, o que permite uma compreensão mais profunda e completa³⁴⁶.

Sobre a responsabilidade dos recetores, o Papa enfatiza que a procura e o respeito pela verdade são responsabilidades também dos recetores das comunicações sociais. Ou seja, os recetores devem ser ativos e corresponsáveis, acolhendo as informações de forma crítica e contribuindo para a procura da verdade concreta e quotidiana, o que é essencial para a dignidade pessoal³⁴⁷.

Reconhecendo a importância das comunicações sociais no entretenimento e na cultura, Paulo VI afirma que a criação artística deve estar sempre alinhada com a verdade. Mesmo que a arte utilize a fantasia, esta deve permanecer fiel à realidade e aos valores humanos. A arte, quando verdadeira, é uma expressão nobre da verdade e deve contribuir para o bem-estar e a compreensão humana³⁴⁸.

O Papa lembra que os cristãos são chamados a ser testemunhas da verdade, seguindo Cristo, que é «o caminho, a verdade e a vida»³⁴⁹. Os meios de comunicação são vistos como caminhos abertos para o testemunho cristão, permitindo a difusão da palavra de Deus e a participação na construção de uma sociedade baseada na verdade e na liberdade³⁵⁰.

Consequentemente, Paulo VI faz um apelo para que todos os cristãos, comunicadores e recetores, se comprometam com a procura e o testemunho da verdade. Destaca a necessidade de liberdade da manipulação e da exploração, promovendo uma comunicação que respeite a dignidade humana e a verdade dos factos, combatendo, desta forma, a desinformação e a distorção da realidade³⁵¹.

³⁴⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 6.

³⁴⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 7.

³⁴⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 8.

³⁴⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 9.

³⁵⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 9.

³⁵¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 10.

Finalmente, o Papa reitera a importância do respeito pela verdade nos meios de comunicação social, apelando a todos os envolvidos para que reflitam e se comprometam com estes princípios. Encoraja especialmente este pedido aos pastores, sacerdotes, religiosos e leigos dedicados ao serviço dos irmãos através da comunicação social, concedendo a sua bênção apostólica com confiança e esperança³⁵².

3.7. As comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais – 1973

A mensagem do papa Paulo VI sobre o Dia das Comunicações Sociais de 1973 foi divulgada no mês de maio, dia 12, versando nesse ano “as comunicações sociais e a afirmação e promoção dos valores espirituais”³⁵³.

O Papa reflete sobre a procura secular da humanidade pela verdade, bondade e beleza, e como esta procura está ligada à relação do ser humano com o seu Criador. Prossegue a sua reflexão, enfatizando que os valores como a justiça, a liberdade, a solidariedade e a paz são tesouros espirituais herdados de geração em geração que moldam a conduta e as atitudes humanas³⁵⁴.

Segundo Paulo VI, os cristãos têm uma responsabilidade especial na preservação e promoção destes valores espirituais, dado que o Evangelho de Cristo não só os confirmou, mas também lhes deu um significado mais profundo. Através de Cristo, os seres humanos são chamados a um propósito superior, sendo reconhecidos como filhos de Deus e participantes na comunicação do Espírito Santo³⁵⁵.

O Papa sublinha o mandato da Igreja em proclamar os valores espirituais do cristianismo, levando a mensagem de amor, de perdão, de reconciliação e de paz aos confins da terra. Por isso, a Igreja tem uma missão contínua de comunicar e de promover estes valores, de tal forma que o verdadeiro progresso humano só pode ser alcançado quando os valores espirituais são devidamente respeitados³⁵⁶.

³⁵² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972», par. 12, 13.

³⁵³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», acessado a 24 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19730501_vii-com-day.html.

³⁵⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 3.

³⁵⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 4.

³⁵⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 5.

Com efeito, temos vários testemunhos cristãos ao longo dos milénios. Os cristãos sempre testemunharam os valores espirituais através da sua vida e, muitas vezes, com a morte. Nesta linha, o Papa destaca os mártires como exemplos de firmeza na fé, celebrando a coincidência do Dia Mundial das Comunicações Sociais com a festa de São Carlos Lwanga e seus companheiros mártires, que morreram em defesa dos valores espirituais³⁵⁷.

Nesta mensagem, Paulo VI reconhece os avanços tecnológicos na comunicação social como uma oportunidade providencial para afirmar e difundir os valores espirituais em todo o mundo. Todavia, lamenta o uso frequente destes meios para negar ou distorcer os valores fundamentais, apelando a uma ação positiva por parte dos católicos e profissionais da comunicação³⁵⁸.

O Papa pede uma colaboração plena com todos os «homens de boa vontade» para afirmar os princípios que sustentam a dignidade humana. Assim, encoraja os profissionais da comunicação a serem porta-vozes de empenho, dedicação e bondade, transformando os meios de comunicação em instrumentos de luz e orientação para a verdadeira felicidade³⁵⁹.

Finalizando, Paulo VI reitera a necessidade de usar a imprensa, a televisão, o cinema, o teatro e a publicidade para difundir mensagens de bondade, beleza e verdade, portadoras de uma grande riqueza de significado³⁶⁰. Destarte, a promoção de valores espirituais através dos meios de comunicação contribuirá para uma nova criação onde a paternidade de Deus e a fraternidade humana sejam universalmente reconhecidas³⁶¹.

³⁵⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 6.

³⁵⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 7, 8, 9.

³⁵⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 9.

³⁶⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 10.

³⁶¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973», par. 11.

3.8. As comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo – 1974

O papa Paulo VI inicia a oitava mensagem expressando alegria por dirigir-se aos fiéis no Dia Mundial das Comunicações Sociais, instituído pelo II Concílio do Vaticano³⁶². Nesta mensagem, destaca-se o crescente papel dos meios de comunicação na sociedade moderna e nas relações humanas, sendo que é sublinhada a necessidade de todos contribuírem para que a comunicação seja eficaz e responsável, desde a programação até a receção das mensagens³⁶³.

O Papa enfatiza que os cristãos devem dedicar-se constantemente à avaliação e orientação positiva dos meios de comunicação. Em vista disto, este Dia Mundial é uma oportunidade para refletir sobre o papel dos meios de comunicação e renovar o compromisso dos cristãos em promover os valores positivos através destes canais³⁶⁴.

O tema “as comunicações sociais e a evangelização no mundo contemporâneo” é apresentado como foco de reflexão, alinhando-se aos estudos preparatórios para a próxima Assembleia do Sínodo dos Bispos³⁶⁵. O Papa recorda a carta encíclica *Ecclesiam suam*, que ressalta a missão da Igreja de difundir a mensagem de Cristo, utilizando todos os meios disponíveis³⁶⁶.

Sublinha-se que a evangelização é parte essencial da missão da Igreja, enviada por Cristo para pregar o Evangelho a toda criatura. Esta tarefa é realizada na vida litúrgica e através de todos os meios possíveis, incluindo os meios de comunicação social, que têm um papel vital na disseminação da mensagem cristã³⁶⁷.

A vida do cristão, conforme o Evangelho, é uma contínua situação de evangelização no mundo. Participando das preocupações e sofrimentos da humanidade,

³⁶² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 2, acedido a 27 de março de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19740516_viii-com-day.html.

³⁶³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 3.

³⁶⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 4.

³⁶⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 5.

³⁶⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 6.

³⁶⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 8.

o cristão dá testemunho evangélico e influencia positivamente o mundo das comunicações sociais, tornando-se um fermento de orientação e de valores³⁶⁸.

Deste modo, o Papa destaca a necessidade de orientar a informação e o espetáculo para facilitar a difusão da Boa-Nova e promover a dignidade humana, a justiça e a fraternidade universal. Na verdade, estes valores ajudam o ser humano na compreensão da sua verdadeira vocação, na construção de um diálogo construtivo e na comunhão com Deus³⁶⁹.

Logo, sublinha-se a importância de renovar os métodos de apostolado, utilizando os novos meios audiovisuais e a imprensa para a catequese e a obra educativa, de tal forma que a vida da Igreja, a liturgia e os testemunhos de fé e caridade sejam transmitidos de forma moderna e eficaz³⁷⁰.

Conscientemente, o Papa reconhece os esforços dos bispos, sacerdotes, religiosos e leigos que trabalham nas comunicações sociais, apesar das dificuldades e limitações, expressando gratidão pela dedicação e competência de todos os envolvidos³⁷¹. Conclui com palavras de encorajamento e conforto, bem como com a sua bênção apostólica, para que continuem a usar os meios de comunicação em prol do verdadeiro progresso da família humana e de um futuro melhor³⁷².

3.9. Comunicação social e reconciliação – 1975

O Ano Santo de 1975 inspira o tema da nona mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, que versa sobre a reconciliação. De facto, este dia é uma oportunidade para a imprensa, a rádio, a televisão e o cinema se unirem em prol da reconciliação entre os cristãos e a sua elevação para Deus³⁷³.

Os meios de comunicação social possuem uma influência significativa na vida individual e social, podendo tanto promover a libertação e a realização das aspirações

³⁶⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 9.

³⁶⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 10.

³⁷⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 11.

³⁷¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 13.

³⁷² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974», par. 14.

³⁷³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 2, acedido a 4 de abril de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19750419_ix-com-day.html.

humanas mais elevadas, como ser sujeitos a manipulações e interesses superficiais³⁷⁴. Portanto, é essencial que a comunicação proteja e estimule esforços genuínos para o bem comum³⁷⁵.

A mensagem destaca a importância da objetividade na informação. Na realidade, esta característica é fundamental para que cada pessoa possa desenvolver plenamente a sua personalidade e exercer as suas responsabilidades sociais. A narração dos factos deve ser honesta e, quando interpretada, deve sempre respeitar a verdade e os valores humanos³⁷⁶.

No entanto, o Papa sente que há uma preocupação com a manipulação das informações, que pode apresentar comportamentos imorais, criar expectativas irrealistas e violar o direito à informação³⁷⁷. Assim, um verdadeiro serviço à reconciliação exige uma apresentação objetiva dos factos, baseada na responsabilidade, na preparação e na competência³⁷⁸.

É essencial garantir um pluralismo razoável das fontes de informação em todos os países, permitindo um diálogo aberto e leal. Ora, isto evitaria uma «tirania» ou um «terrorismo cultural» e promoveria a livre expressão das ideias, respeitando as convicções religiosas, éticas e cívicas³⁷⁹.

Apela-se a todos os que trabalham nos meios de comunicação para que defendam uma liberdade de expressão baseada na verdade e no amor, ao mesmo tempo que se reconhecem as dificuldades e responsabilidades significativas que estes profissionais enfrentam, dado o poder relevante que exercem sobre a opinião pública³⁸⁰.

Há um apelo aos líderes políticos, sociais e económicos para que promovam uma informação livre e saudável. Por conseguinte, a verdade não deve ser sufocada por interesses injustos, por violência ou por prepotência organizada. Pelo contrário, a

³⁷⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 3.

³⁷⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 4.

³⁷⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 5.

³⁷⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 6.

³⁷⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 7.

³⁷⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 8.

³⁸⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 9.

liberdade deve estar sempre correlacionada com os direitos dos outros e os imperativos da vida social³⁸¹.

Em conclusão, a Igreja reafirma o direito de todos os seres humanos de responder ao chamamento divino e o direito dos seus filhos em aceder aos meios de comunicação³⁸². A verdadeira reconciliação só «pode acontecer num clima de respeito, de escuta fraterna, de procura da verdade e de vontade de colaboração»³⁸³. Afinal, os meios de comunicação promovem a reconciliação entre grupos sociais, nações e discípulos de Cristo, na medida em que edificam o único Corpo de Cristo na verdade e na caridade³⁸⁴.

3.10. As comunicações sociais diante dos direitos e deveres fundamentais do homem – 1976

A multidimensionalidade das mensagens linguísticas está no enraizamento antropológico da linguagem. A linguagem é um instrumento do ser humano que age sobre os outros humanos. E é através da essência das palavras e dos atos que existe a função conotativa nas mensagens, quer sejam linguísticas ou não linguísticas. Daí, que nos *mass media* encontramos numerosas formulações conotativas. Nesse domínio, os *mass media* têm uma certa possibilidade de gerir a sanção moral. Por isso, faz todo o sentido o papa Paulo VI ter escrito: «lembrar [...] as graves responsabilidades ligadas ao uso dos mass media sempre mais aperfeiçoados e difundidos»³⁸⁵. É como se estivesse a referir a um carácter obrigatório e permanente de os *mass media* veicularem mensagens inclusivas dos direitos e deveres fundamentais do ser humano³⁸⁶.

Assim, relembremos as palavras papais:

«Quais direitos? Será preciso recordá-los ainda? Digamos rapidamente: o direito à vida, ao estudo, ao trabalho e, antes desses, o direito ao nascimento, à procriação responsável; e, depois, o direito à paz, à liberdade, à justiça social; e, ainda, o direito

³⁸¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 10.

³⁸² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 11.

³⁸³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 12.

³⁸⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975», par. 13, 14.

³⁸⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 2, acedido a 8 de abril de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19760411_x-com-day.html.

³⁸⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 3-5.

a participar das decisões, que incidem sobre a vida de cada um e a vida dos povos, como o direito de professar e testemunhar, individual e coletivamente, a própria religião, sem ser discriminados ou punidos»³⁸⁷.

Os meios de comunicação social não são apenas instrumentos de entretenimento e de disseminação de mensagens, mas têm um papel crucial na educação e na formação das pessoas. Em muitos países, desempenham uma função supletiva ou integrativa no trabalho escolar, contribuindo para a alfabetização e instrução das gerações. Neste seguimento, a Igreja propõe que esses meios sirvam à causa dos direitos e dos deveres humanos primordiais³⁸⁸.

Contudo, é observado que, em várias partes do mundo, os direitos humanos fundamentais, como o direito à vida, ao estudo, ao trabalho, à paz, à liberdade, e à justiça social, entre outros, necessitam, muitas vezes, de defesa³⁸⁹. Estes direitos, quando violados, são silenciados ou justificados inadequadamente. Neste sentido, os meios de comunicação social têm a responsabilidade de defender e de promover esses direitos, ao mesmo tempo que educam sobre os deveres correspondentes³⁹⁰.

Ademais, a reciprocidade entre direitos e deveres é essencial para o equilíbrio da vida social. Deste modo, os meios de comunicação social devem refletir esta coordenação nas suas notícias e espetáculos, contribuindo, assim, para o progresso da civilização³⁹¹. Nas palavras de Paulo VI, a fé reveste-se de uma grande importância, na medida em que fornece razões ainda mais fortes para esta defesa, reconhecendo no Evangelho a proclamação dos direitos e deveres do ser humano³⁹².

Neste contexto, o direito à verdadeira e completa informação é destacado como fundamental, dependendo quase exclusivamente dos meios de comunicação social. Naturalmente, a consciência dos direitos e dos deveres dos seres humanos é amplamente

³⁸⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 6.

³⁸⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 4.

³⁸⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 6.

³⁹⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 12.

³⁹¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 7.

³⁹² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 8.

influenciada pela ação informativa e formativa destes meios, que carregam, em si, uma responsabilidade significativa³⁹³.

Além disso, é salientado que, em diversas partes do mundo, a manipulação de ideias, de valores e de interpretações pelos meios de comunicação pode resultar em distorções prejudiciais³⁹⁴. Estas manipulações podem surgir como uma reivindicação de direitos, mas, na realidade, constituem um «aviltamento» dos mesmos. Assim, a influência considerável dos meios de comunicação deve ser utilizada de tal forma que respeite a dignidade humana³⁹⁵.

Nesse sentido, é tecida uma exortação às autoridades públicas para que promovam a comunicação social da cultura, respeitem os factos e as opiniões e procurem a verdade. Aos profissionais dos meios de comunicação, é pedido que mantenham coerência no pensamento e na vida, evitando a tentação da manipulação e priorizando o amor e o serviço ao ser humano. Aos utilizadores dos meios de comunicação, é solicitado que desenvolvam um senso crítico, apoiem moral e materialmente as transmissões que defendem os direitos humanos e educam sobre os deveres, e intervenham com iniciativas individuais ou coletivas³⁹⁶.

Por fim, a Igreja reafirma o seu direito e o seu dever de estar presente no setor dos meios de comunicação social, tanto públicos como privados. Com uma longa tradição histórica, cultural e religiosa, a Igreja posiciona-se não apenas como uma comunidade evangelizadora, mas também como promotora do desenvolvimento integral do ser humano³⁹⁷. Com a esperança de que os meios de comunicação social contribuam positivamente para a promoção dos direitos e para o conhecimento dos deveres do ser humano, é concedida a bênção apostólica a todos que colaboram para atingir este objetivo, crucial para o futuro da família humana³⁹⁸.

³⁹³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 9.

³⁹⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 10.

³⁹⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 11.

³⁹⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 12.

³⁹⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 13.

³⁹⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 14.

3.11. A publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades – 1977

O papa Paulo VI, para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 1977, escolheu como mensagem “a publicidade nas comunicações sociais: vantagens, perigos, responsabilidades”³⁹⁹.

A problemática que Paulo VI identificou foi a publicidade, uma fonte de financiamento da comunicação social, sendo orientada para um convencimento eficaz⁴⁰⁰. Entende-se que «a mensagem publicitária, tal como a encontramos nos *mass media*, propõe ao consumidor um objeto ou um produto que ela afirma ser *bom* para ele»⁴⁰¹, escreveu Paulo VI. É a forma persuasiva que o preocupa⁴⁰². Além disso, escreveu que o fenómeno publicitário tem implicações morais e religiosas⁴⁰³. Por ser verdade, o Papa remete para outro documento do Vaticano, de 1971 (cf. *Communio et progressio* 62).

A publicidade, no contexto das comunicações sociais, desperta o interesse da Igreja, uma vez que influencia diretamente a vida cultural e o desenvolvimento integral do ser humano. A publicidade, além de financiar grande parte dos meios de comunicação, transmite visões do mundo que desafiam o cristão a um julgamento e a uma ação coerente com a sua fé. Desta forma, a Igreja vê a publicidade como um instrumento capaz de ajudar mutuamente os seres humanos. Logo, encoraja a sua utilização de maneira que respeite a verdade, a prudência e os valores essenciais da pessoa humana⁴⁰⁴.

No entanto, a publicidade deve equilibrar os interesses legítimos com o bem comum, respeitando o desenvolvimento integral do destinatário e o contexto cultural e económico⁴⁰⁵. A mensagem publicitária, orientada para convencer eficazmente, deve respeitar a pessoa humana e permitir escolhas responsáveis, preservando a liberdade interior⁴⁰⁶. A vastidão do fenómeno publicitário, com implicações morais e religiosas,

³⁹⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1977», par. 1, acedido a 11 de abril de 2024, https://www.vatican.va/content/paulo-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19770512_xi-com-day.html.

⁴⁰⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1977», par. 4-5.

⁴⁰¹ Olivier Burgelin, *A comunicação social: arte e comunicação* (Lisboa: Edições 70, 1981), 259.

⁴⁰² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1977», par. 8.

⁴⁰³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1977», par. 9.

⁴⁰⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 5-6.

⁴⁰⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 7.

⁴⁰⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 8.

requer que os meios de comunicação social e os seus agentes mantenham uma postura ética, evitando condicionamentos sobre a liberdade e a troca de valores culturais e religiosos⁴⁰⁷. Ou seja, para promover uma publicidade que respeite os direitos e os deveres fundamentais do ser humano, é essencial que as agências de publicidade, os publicitários e os meios de comunicação sigam códigos de ética e promovam a colaboração do público para o seu aperfeiçoamento. Em conformidade, a Igreja apela ao diálogo sadio e aberto entre todos os protagonistas do processo publicitário, em reconhecimento do bem comum⁴⁰⁸.

Por fim, é pedido aos responsáveis pela comunicação social que demonstrem, na escolha da publicidade e nas suas atividades, as suas convicções religiosas e o seu ideal de vida⁴⁰⁹.

3.12. O recetor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres – 1978

Em 1978, o papa Paulo VI escreveu a sua última mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais – décima segunda mensagem, com o tema “o recetor da comunicação social: expectativas, direitos e deveres”. O Papa, após dirigir-se a todos, escreveu para refletirmos sobre a função e o uso dos meios que servem para as comunicações sociais⁴¹⁰.

Esta mensagem enfatiza a importância do diálogo, assegurando que os “recetores” possam expressar as suas opiniões, mas também possam contribuir com ideias e propostas. A primeira expectativa dos “recetores” das comunicações sociais é, neste sentido, a aspiração do diálogo⁴¹¹.

A verdade é um direito fundamental que os destinatários das comunicações esperam dos meios de informação, sendo esta a segunda exigência. Os “recetores” têm o direito a informações oportunas, honestas e objetivas que respeitem uma hierarquia de

⁴⁰⁷ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 9.

⁴⁰⁸ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 10.

⁴⁰⁹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976», par. 11.

⁴¹⁰ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 2, acedido a 15 de abril de 2024, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19780423_xii-com-day.html.

⁴¹¹ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 3.

valores e apresentem uma imagem verdadeira do ser humano⁴¹². Além disso, a aspiração ao repouso e à distração é legítima, pelo que estas aspirações se abrem a perspectivas espirituais, como a atenção à problemática religiosa e moral, que conduz o ser humano à plenitude do seu destino supremo⁴¹³.

Os “recetores” devem colaborar ativamente no processo formativo da comunicação, para aprenderem a linguagem dos meios de comunicação social e para escolherem criteriosamente o conteúdo que consomem. Esta dinâmica evita que grupos não-representativos utilizem os meios de comunicação de forma unilateral e restritiva, promovendo um verdadeiro diálogo entre “comunicadores” e “recetores”. Este diálogo, respeitoso e decidido, exige que os “recetores” desenvolvam uma capacidade de discernimento, compreendendo a complexidade das comunicações modernas e valorizando os elementos positivos, enquanto excluem os negativos⁴¹⁴.

A educação para uma utilização responsável dos meios de comunicação deve começar nas famílias, com os pais a ajudarem os filhos a fazer escolhas conscientes e a dialogar com os “comunicadores”. Este processo educativo deve continuar nas escolas, com um foco específico nas escolas católicas e nas associações de orientação cristã, garantindo que os alunos compreendam e julguem criticamente as transmissões e os espetáculos a que são expostos. As comunidades locais devem também apoiar os seus membros na escolha e na compreensão dos meios de comunicação, com a imprensa católica e outros meios diocesanos a orientarem os fiéis em conformidade com a doutrina e a moral que o Evangelho propõe⁴¹⁵.

Nas palavras do papa Paulo VI, oferecer uma formação ampla, cuidadosa e verdadeira é uma tarefa complexa e muito exigente⁴¹⁶, pelo que requer a colaboração generosa de todos.

Concluimos, sublinhando a atualidade das mensagens de Paulo VI, assim como a importância das contribuições para a compreensão e o diálogo entre a Igreja, os meios de comunicação e o mundo.

⁴¹² Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 4.

⁴¹³ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 5.

⁴¹⁴ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 6-7.

⁴¹⁵ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 10-12.

⁴¹⁶ Paulo VI, «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978», par. 13.

CONCLUSÃO

Deus é comunicação, e a Igreja nasce para comunicar.

Deus revela-Se como Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo — uma comunhão de pessoas em constante e permanente comunicação. A partir desta verdade de fé, Paulo VI percebeu que a Igreja tem a missão de comunicar a mensagem de salvação ao mundo. Assim, a comunicação não surge apenas como uma função da Igreja, mas é parte integrante da sua própria natureza, destinada a ser um canal vivo de diálogo entre Deus e a humanidade.

A partir do II Concílio do Vaticano, a Igreja adotou uma atitude de abertura em relação à cultura secular na qual ela mesma está inserida. Desta forma, Paulo VI quis oferecer não só à Igreja, mas também a toda a humanidade, uma resposta às perguntas habituais e, sobretudo, aos problemas concretos que surgiram na segunda metade do século XX. Muitas vezes, o peso da instituição não favorece a comunicação. Todavia, Paulo VI, como aquele que preside na caridade, foi uma voz profética, na medida em que evitou pessimismos relativos às grandes transformações do mundo e da sociedade. Em vez disso, manteve uma postura de esperança e de abertura ao diálogo, sem ignorar os riscos e os desafios das comunicações sociais. A par disto, denunciou os perigos inerentes a uma visão instrumentalizadora da comunicação, ao alertar contra aquela presunção que usa a comunicação como um mero instrumento, que pode manipular ou controlar, em vez de promover a verdade e o bem comum. No fundo, Paulo VI foi uma voz profética, pois, por meio da comunicação, deu sempre prioridade ao bem do ser humano, sem permitir que valores ou práticas indevidas fossem idolatrados ou sacralizados de maneira inadequada. Afinal, o diálogo é a essência dos meios de comunicação, na medida em que a sua função é captar os factos, tentar compreendê-los e transmiti-los com a maior fidelidade possível. E isso não pode ser feito sem uma relação dialogante, inteligente e humilde com os próprios factos e os seus protagonistas.

Ora, as mensagens do papa Paulo VI, também conhecido como Montini, destacam a importância de se usar os meios de comunicação digitais como um meio de divulgar o Evangelho de Jesus Cristo e de promover o diálogo entre os povos, para, assim, construir um mundo mais justo e solidário. A importância de educar as pessoas para saberem usar os meios com responsabilidade é uma ideia transversal a todas as mensagens, o que leva à promoção da ética, da verdade e da compaixão, além de contribuir para alcançar a paz e a justiça entre os povos.

Contudo, depois do nosso percurso, feito em três etapas, esta dissertação levantou algumas questões delicadas. Desde logo, o desafio de ser compreendido. De facto, ser incompreendido leva também ao isolamento, uma preocupação já expressa por Paulo VI: «É preciso saber ser antigos e modernos, falar de acordo com a tradição, mas também conforme à nossa sensibilidade. De que adianta dizer o que é verdade, se os homens do nosso tempo não nos entendem?»⁴¹⁷. Então, como pode a Igreja fazer-se compreender? Não estaremos a falar de um diálogo inaugurado em milhares de discursos ao longo da história, mas pouco praticado na realidade do quotidiano? Será que a indignação que sentimos perante um jornalismo deteriorado e arrogante não é, por vezes, comparável àquela que experimentamos perante uma Igreja incapaz de distinguir entre o verdadeiro diálogo e a propaganda, entre a liberdade e a submissão, entre a luz e o despotismo? Se a Igreja afirma já possuir a Verdade, como pode verdadeiramente dialogar com o mundo, onde as verdades são fragmentadas e constantemente procuradas? Neste sentido, pode este diálogo ser considerado um diálogo autêntico ou é apenas uma comunicação unilateral? Será que a missão de comunicar a Verdade da Igreja corre o risco de limitar a sua capacidade de ouvir e de aprender com os outros, sobretudo num mundo onde a pluralidade de visões é uma realidade incontornável?

Em conclusão, Paulo VI foi um dos papas mais sensíveis às exigências do seu tempo, pois viveu intensamente a condição crítica da sua época, esforçando-se exemplarmente por interpretar o que o papa João XXIII cunhou de “os sinais dos tempos”.

⁴¹⁷ Guitton, *Diálogos com Paulo VI*, 232.

BIBLIOGRAFIA

Adornato, Giselda. *Pablo VI: El coraje de la modernidad*. Bogotá: San Pablo, 2010.

Agência Ecclesia. «Vaticano: Paulo VI, o primeiro Papa a visitar Fátima, morreu há 40 anos (c/vídeo)». 2018. Acedido a 10 de outubro de 2023. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-paulo-vi-primeiro-papa-a-visitar-fatima-vai-ser-santo/>.

Barrett, William Edmund. *Shepherd of Mankind: A Biography of Pope Paul VI*. New York: Doubleday, 1964.

Bouyer, Louis. *Le rite et l'homme : sacralité naturelle et liturgie*. Paris: Editions du Cerf, 1962.

Buedo, Eduardo de la Hera. *La noche transfigurada: Biografía de Pablo VI*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.

Burgelin, Olivier. *A comunicação social: arte e comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1981.

Citrini, Tullio. «Revelação». Em *Christos: Enciclopédia do Cristianismo*, editado por Cristina Legora, Lucio Lamarque e Sergio Sabbadini. Traduzido por Miriam Godinho: 774. Lisboa: Editorial Verbo, 2004.

Cremona, Carlo. *Pablo VI*. Madrid: Palabra, 1996.

Denzinger, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. Editado por Helmuto Hoping e Petrus Hünermann. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2005.

Duque, João. «Teologia Trinitária: A perspectiva de Karl Rahner». Em *Santíssima Trindade Pai, Filho, Espírito Santo...*, editado pelo Santuário de Fátima, 195-210. Fátima: Gráfica Almondina, 2008.

Esteves, João Pissarra. *A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

Forte, Bruno. *Trinidad como historia: ensayo sobre el Dios cristiano*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

Guitton, Jean. *Diálogos com Paulo VI: O papa analisa os problemas mais actuais*. Traduzido por Sousa Victorino. Lisboa: Livros do Brasil, 1967.

———. *Mi pequeño catecismo: diálogo con un niño*. Barcelona: Editorial Herder, 1981.

Hebblethwaite, Peter. *Paul VI: The first modern Pope*. New York: Paulist Press, 1993.

Herath, Dhammika. «The Discourse of Development: has it reached maturity?». *Third World Quarterly* 30, n.º 8 (2009): 1449–64. <https://doi.org/10.1080/01436590903279216>.

Izquierdo, César. *Teología Fundamental*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra, 2002.

Latourelle, René. «Revelação». Em *Dicionário de Teologia Fundamental*, editado por René Latourelle e Rino Fisichella. Traduzido por Luiz João Baraúna: 816-885. Petrópolis: Vozes, 1994.

———. *Teología de la revelación*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

L'Osservatore Romano. «Perfil biográfico de Paulo VI (1897-1978)». Acedido a 25 de setembro de 2023. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/biografia/documents/hf_p-vi_spe_20190722_biografia.html.

Melo, José Marques de. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. 2.ª Edição. Vol. 1. São Paulo: Editora Vozes, 1971.

Muraille, Eric. «Ethical control of innovation in a globalized and liberal world: Is good science still science?». *Endeavour* 43, n.º 4 (1 de dezembro de 2019): 4-43. <https://doi.org/10.1016/j.endeavour.2020.100709>.

Nedoncelle, Maurice. *La réciprocité des consciences: essai sur la nature de la personne*. Paris: Éditions Aubier-Montaigne, 1942.

Paulo VI. *Epistola Apostolica Octogesima adveniens*. AAS 63 (1971): 401-441.

———. *Instructio pastoralis Communio et progressio*. AAS 63 (1971): 593-656.

———. *Litterae encyclicae Ecclesiam suam*. AAS 56 (1964): 609-659.

———. *Litterae encyclicae Humanae Vitae*. AAS 60 (1968): 481-503.

———. *Litterae encyclicae Populorum progressio*. AAS 59 (1967): 257-299.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º Dia Mundial das Comunicações sociais 1967». Acedido a 2 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 2º Dia Mundial das Comunicações sociais 1968». Acedido a 5 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19680326_ii-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 3º Dia Mundial das Comunicações sociais 1969». Acedido a 8 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19690407_iii-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 4º Dia Mundial das Comunicações sociais 1970». Acedido a 12 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19700406_iv-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 5º Dia Mundial das Comunicações sociais 1971». Acedido a 17 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19710325_v-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 6º Dia Mundial das Comunicações sociais 1972». Acedido a 22 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19720421_vi-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 7º Dia Mundial das Comunicações sociais 1973». Acedido a 24 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19730501_vii-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 8º Dia Mundial das Comunicações sociais 1974». Acedido a 27 de março de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19740516_viii-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 9º Dia Mundial das Comunicações sociais 1975». Acedido a 4 de abril de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19750419_ix-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 10º Dia Mundial das Comunicações sociais 1976». Acedido a 8 de abril de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19760411_x-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 11º Dia Mundial das Comunicações sociais 1977». Acedido a 11 de abril de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19770512_xi-com-day.html.

———. «Mensagem do Papa Paulo VI para o 12º Dia Mundial das Comunicações sociais 1978». Acedido a 15 de abril de 2024. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19780423_xii-com-day.html.

———. «Mensagens Dia Mundial das Comunicações Sociais». Acedido a 1 de março de 2024. <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications.index.html>.

———. «Mensagens». Acedido a 1 de março de 2024.
<https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages.html>.

Rampon, Ivanir Antonio. *Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

Ribeiro, Ari. «A Revelação nos Concílios de Trento e Vaticano II». *Revista Trim* 36, n.º 151 (março 2006): 55-74.

Riccardi, Andrea. *Juan Pablo II: La biografía*. Madrid: San Pablo, 2011.

Robles, Manuel. *Pablo VI, ese gran desconocido: Anécdotas de un Papa*. Madrid: San Pablo, 2014.

Rodrigues, Adriano Duarte. *Dicionário breve da informação e da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. *Constitutio dogmatica Dei Verbum*. AAS 58 (1966): 817-830.

———. *Constitutio pastoralis Gaudium et Spes*. AAS 58 (1966): 1025-1120.

———. *Decretum Inter Mirifica*. AAS 56 (1964): 145-157.

Theobald, Christoph. «La Révélation». *Revue théologique de Louvain* 36 (2005): 145-165. <https://doi.org/10.2143/RTL.36.2.2017433>.

Valentini, Demétrio. *Revisitar o Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2013.